



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM ESTUDOS DO GÊNERO E DIVERSIDADE**

MARIA DE LOURDES BERNARDO

(NÃO) DEU NO JORNAL

REPRESENTAÇÕES DA VELHICE NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

Salvador
2015

MARIA DE LOURDES BERNARDO

(NÃO) DEU NO JORNAL

REPRESENTAÇÕES DA VELHICE NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Estudos do Gênero e Diversidade.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia dos Santos Macedo.

Salvador
2015

MARIA DE LOURDES BERNARDO

**(NÃO) DEU NO JORNAL
REPRESENTAÇÕES DA VELHICE NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO**

Monografia apresentada ao Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharela em Estudos de Gênero e Diversidade, defendida em 06 de março de 2015 perante a comissão formada pelas professoras:

Marcia dos Santos Macedo – Orientadora
Profa. Dra. em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia

Marcia Santana Tavares – Examinadora
Profa. Dra. em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia

Maíra Kubík Taveira Mano - Examinadora
Profa. Dra. em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas

Aprovada em ____ de _____ de 2015.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Marcia Macedo, por sua compreensão e generosidade, seus ensinamentos e parceria na condução deste trabalho.

A todos os docentes que fizeram parte desta minha caminhada rumo a um novo conhecimento, não só acadêmico, mas descortinando novos olhares para o mundo que me cerca, na compreensão de suas incongruências e injustiças, mas também de suas belezas.

Aos meus colegas de turma, que compartilharam comigo momentos felizes e momentos angustiados, na troca generosa de vivências e experiências que muito me enriqueceram.

A minha irmã Maristela, por seu carinho e apoio e por ser a maior incentivadora na superação de meus limites.

Aos meus amigos que torcem por mim e, principalmente, aqueles que contribuíram com seu incentivo e ajuda nesta minha jornada.

Dedico esse trabalho à minha Tia Maria de Lourdes Bezerra, que além de ter me dado o nome, me deu amor, carinho, cuidado e dedicação, tendo na prática ocupado o lugar de minha mãe que perdi tão cedo. E também por ser esta pessoa, que do alto de seus mais de 85 anos, segue distribuindo alegria e sabedoria a todos que a conhecem e tem a felicidade de conviver com ela.

“Somos sempre o jovem ou o velho de alguém”

Pierre Bourdieu

RESUMO

O objetivo deste estudo é mostrar como a Velhice é representada na mídia escrita, especificamente em um jornal de grande circulação do país, em seus componentes culturais e ideológicos e sua influência na construção identitária do idoso na sociedade contemporânea.

O material pesquisado é composto de matérias noticiosas e opinativas veiculadas no jornal Folha de São Paulo, em levantamento efetuado no período de um mês (16/09 a 14/10/2014) e acrescido de material complementar editado pelo mesmo jornal.

Este trabalho aponta para como a veiculação de um modelo de Velhice por um meio de comunicação, na figura de um novo-velho, sedimenta estereótipos e, ao mesmo tempo, se choca com a realidade apresentada através deste mesmo veículo, em pesquisas e relatos variados que evidenciam a ambiguidade entre o imagético e o real.

O tratamento dos dados foi orientado pela recorrência de matérias, nas suas significâncias, através da metodologia da análise de conteúdo.

Palavras chave: Velhice. Representação. Mídia impressa. Imagem. Novos velhos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CONCEITUAÇÕES TEÓRICAS, CATEGORIAS ANALÍTICAS	15
1.1 Categorias	17
1.1.1 Gerações	17
1.1.2 Velhices	19
1.1.3 Interseccionalidades	21
1.1.4 Representações	23
1.2 Representações na Mídia	26
2 PROCURANDO OS VELHOS NAS PÁGINAS DO JORNAL	29
2.1 Caminhos da Pesquisa	29
2.2 Caminhos da Análise	32
2.3 Matérias Suplementares	40
2.4 Cadernos Especiais	42
2.4.1 Cadernos Mais Velhos – 1999	42
2.4.2 Caderno Maioridade – 2009 – “Maioridade O Velho Novo”	45
2.4.3 Comparativo	47
3 ANÁLISE DA PESQUISA	50
3.1 Análise das Matérias	50
3.2 Análise de Receptores	56
3.3 Análise Referenciada em Aportes Teóricos	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ANEXO 1 – QUADRO PUBLICAÇÕES	68

1. INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo tema velhice começou ao cursar a disciplina Gênero e Geração, ministrada no quarto semestre do bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da UFBA, no ano de 2012, com a descoberta intelectual dos inúmeros significados da idade cronológica como categoria de análise construída social e culturalmente. Da mesma forma que existem feminismos¹ existem velhices, são plurais. Usar “velhice” como categoria universalizante é uma simplificação que compromete o conhecimento do tema, pois ignora as diferenças ditadas pelo recorte de gênero, bem como as múltiplas origens dos velhos, desde sua origem étnica, cultural, de classe, até os inúmeros fatores intransferíveis e imprevisíveis das histórias de vida individuais. Buscar similaridades neste universo complexo não pode significar homogeneizá-lo.

A observação de pessoas idosas, em seus comportamentos e necessidades específicas, seja no meu local de trabalho, com um grande público com mais de 60 anos, seja na convivência com moradores do meu bairro, a Barra, em Salvador/BA marcadamente habitado por idosos², seja no contato com meus familiares, começou a delinear um novo olhar, dentro da perspectiva desta pluralidade.

Surpreendi-me sendo, eu mesma, parte do meu objeto de estudo. Entrei neste curso aos 55 anos e chego ao seu final no limiar dos 60, com motivação para continuar na esfera da reflexão acadêmica. Ao mesmo tempo, meu processo de aquisição de conhecimento sobre o tema velhice se confunde com minha própria experiência de vida, na medida em que passo a ter preocupações de diversas ordens sobre meu próprio envelhecimento e constato, no cotidiano, pequenas mudanças que vão se avolumando e me conduzem inexoravelmente a outra fase de vida.

¹ Esta é uma questão que ainda suscita polêmicas, mas o debate acadêmico bem representado no NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher chegou a consensos consistentes e amplos sobre as diferentes linhas de pensamento do feminismo, a exemplo de feminismo negro, ecofeminismo, feminismo lésbico.

² O estudo Projeções Populacionais para a Bahia 2010-2030, da SEI-Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, mostra que, em todo o estado, a tendência até 2030 é de alargamento no topo da pirâmide etária e redução na base. O grupo de 60 anos e mais, que em 2010 era de 10,3% do total, crescerá para 16,7%. Em Salvador, dados do IBGE do Censo de 2000 mostram que o bairro da Barra/Barra Avenida concentra o maior percentual de idosos da cidade, com 20,1% dessa população.

Tomando de empréstimo a afirmação de Alison Jaggar, em *Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista* (1997), emoções são úteis e necessárias à construção do conhecimento, requerem conceitos de maneiras socialmente construídas de organizar e compreender o mundo. Emoções, para Jaggar, são vistas erroneamente como respostas necessariamente passivas ou involuntárias ao mundo, mas, na realidade, adverte ela, são trajetórias através das quais nos engajamos ativamente e até construímos o mundo.

Em um certo sentido, é como se eu começasse a me deparar com “*O fantasma atrás da porta*”, título de um artigo de Raquel de Queiroz, publicado quando tinha 91 anos, dois anos antes de sua morte³. Raquel foi contundente e implacável com a decadência física da velhice:

...e o pior desta decadência, é que ela não tem retorno. É irre recuperável. (...) a sorte é que a natureza, sabiamente, leva décadas e décadas nessa campanha de desgaste, só para que a gente se acostume a ela. Processo que visa apenas um fim: a preparação para a morte. (...) Ah, ninguém acredite na arrogância juvenil dos velhos, eles estão apenas assobiando no escuro. O fantasma está ali, atrás da porta. Eu sei.

A dura poesia do texto de Raquel de Queiroz reverbera e se atualiza nas palavras de Alda Britto da Motta em *A juvenilização atual das idades* (2006, p11), no contexto contemporâneo da sociedade de consumo e das condições que ela oferece para “que as pessoas mantenham boas condições físicas e cognitivas por um tempo cada vez mais ampliado, podendo os idosos atuais compararem-se vantajosamente a pessoas com até dez a vinte anos menos de tempos passados.”

Ainda segundo Britto da Motta, sendo a juventude o modelo idealizado desta sociedade, cria-se a tendência de que todas as idades convirjam para ela, como se fosse uma espécie de imã simbólico – entendido como a idade da qualidade máxima de vida – de todas as faixas etárias. Para ela, esta tendência à juvenilização, também simbólica, dá-se em quase todos os aspectos da vida pessoal, nos modos de viver, na expressão cultural cotidiana, principalmente no que se refere às formas de lazer e atividades pedagógicas. E, como ela aponta, os grupos e programas para a “terceira idade” são ambientes típicos dessa tendência.

Isso é facilmente perceptível em áreas como a propaganda, quando usa pessoas idosas, porém, com gestual, aparência e uma certa animação associada à

³ Jornal Correio Braziliense, 11/08/2001.

juventude, como forma de induzir ao consumo de certos produtos. A mensagem sub-reptícia é que ninguém é tão velho que não possa assumir valores de consumo que a sociedade considera próprios da juventude. É a tradução de mercado para a famosa expressão “jovem de espírito”.

Percebe-se aí a tentativa de substituir a velhice como modelo identitário construído em contraposição à identidade juvenil, presente no imaginário social, por uma visão de velhice superposta à juventude, inseparável dela. A velhice, nesse caso, passa a ser um estigma.

Isso nos leva à reflexão, como propõe Elizabeth Frohlich Mercadante em seu estudo *Velhice: a identidade estigmatizada* (2003), sobre como este modelo social marcado pelo biológico é sentido e vivido pelos indivíduos classificados como velhos, e de que maneira se dá a associação do envelhecimento com perdas físicas, sociais, psíquicas e afetivas.

Não é a toa que novos termos ou novas categorias para definir a velhice – novos idosos, novos velhos, velhos-jovens, melhor idade – surgem como forma de espantar esse estigma que a palavra velha/o possui. Trata-se de uma busca de alternativas de conceituação do envelhecimento com o intuito de reinstitucionalizar uma parcela cada vez mais ampla da população e de definir parâmetros para enquadrá-la, tanto no mercado de consumo quanto no direcionamento de políticas públicas e no espaço social e cultural em geral. Contudo, não necessariamente essas categorias expressam a valorização desse segmento ou uma abordagem aprofundada dos supostos novos espaços e novo papel dos velhos na sociedade. Ao contrário, muitas vezes se prestam a uma descrição superficial e conveniente, voltada para maquiar a manutenção dessa população no mesmo e tradicional lugar de isolamento, incômodo e estranhamento.

Assim, considero que um marco decisivo na escolha de meu objeto de estudo foi a leitura do artigo *A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas* (1997), de Guita Grin Debert, em que a autora discute a invenção da terceira idade, compreendida como fruto do processo crescente de socialização da gestão da velhice, em uma tentativa de homogeneização das suas representações. Percebe-se, nessa invenção, um esforço de embutir a reversão dos aspectos negativos da velhice em positividade, como mostra Debert, ao apontar que, a partir dela, a responsabilidade de uma velhice saudável, ativa e socialmente bem constituída passa a ser do próprio indivíduo – e

de sua capacidade de se utilizar de serviços e produtos que prometem travestir sua velhice em juventude – e não mais da sociedade e de políticas públicas para este segmento.

Não seria exagero afirmar, destarte, que este tipo de inserção social dos velhos, esbarra nesta forma de tratamento, implica em sua negação como cidadãos - cuja existência peculiar é parte do ethos social -, mas como, contrariamente, significa seu enquadramento social como meros consumidores. A partir desse viés, multiplicam-se os estereótipos, disseminados, em especial, pelos meios de comunicação e abre-se todo um mercado de bens e serviços voltados para a “Terceira Idade”, em um largo espectro que envolve desde tratamentos estéticos à moda, de turismo especializado a cursos, consultoria financeira etc., que trazem implícita a concepção de pessoas idosas (não mais velhos) que “mantêm a juventude” e gozam de bem-estar e felicidade. A mensagem implícita é de que os velhos e velhas demandam, sim, cuidados e atenções da comunidade – na forma de múltiplas ofertas de serviços –, mas não em razão de suas fragilidades, pois seriam dotados de autonomia e poder de iniciativa. Mensagem esta, na maioria das vezes, puramente fictícia.

Sinalizadas essas questões, convém agora salientar o papel da mídia como espaço onde são produzidas e reproduzidas diferentes representações da velhice, traduzidas em signos que possam fazer sentido para a audiência mediana dos veículos de comunicação. Ela é também a caixa de ressonância para os conflitos e contradições que a questão filosófica da velhice encerra, bem como para as invenções semânticas que cumprem o papel de contornar tais conflitos e reposicioná-los como digeríveis, da perspectiva da sociedade de consumo. Um bom exemplo desse papel cumprido pela mídia foi a popularização das expressões “Terceira Idade” e “Melhor Idade”.

Nesse contexto, a imprensa, assim como outros meios de comunicação, tem papel fundamental na propagação de conteúdos legitimadores da conduta política, social e cultural dominante na sociedade. Foi baseada nesta premissa que elegi como objeto de pesquisa e elaboração desta monografia o estudo das representações da velhice, em suas diversas nomenclaturas, presentes em artigos e matérias na mídia impressa, especificamente num jornal de grande circulação nacional.

Para dar conta desta tarefa, deparo-me com questões que considero instigantes por oferecerem oportunidade para o conhecimento e, ao mesmo tempo, por apresentarem problemas que ultrapassam uma abordagem limitada à produção de um jornal sobre o tema da velhice. Essa oportunidade implica interagir com o fato histórico da mudança de perfil da longevidade, em escala global, apontado no texto *A Cobertura da Imprensa sobre o Envelhecimento: O caso do jornal “O Estado de S. Paulo” e “Valor Econômico”* (Corte, Varella, Oliveira e Lemos, 2004), por meio de referência a Robert N. Butler, primeiro diretor do Instituto Nacional do Envelhecimento dos Estados Unidos. Em apresentação ao livro *Como e por que envelhecemos*, de Leonard Hayflick (1997), Butler clama por mais informação para “confrontar a profunda revolução mundial da longevidade”. É neste quadro que as autoras citadas perguntam: Quais são as informações que consumimos sobre o envelhecimento? Quais são as tendências das notícias veiculadas nos jornais? Como simples informação, devendo obedecer aos princípios da objetividade, imparcialidade, neutralidade? Ou são vistas como um “produto cultural” e uma narrativa, implicando a existência de um “jornalista-narrador” que conta histórias a um suposto “leitor-destinatário” que espera encontrar a continuação das narrativas existentes? De que modo o envelhecimento é dado a conhecer? Que informações são consumidas pelos leitores?

São perguntas-chave que fazem parte do pano de fundo deste trabalho e ajudam a desenhar a dimensão na qual ele busca se inserir. Essas perguntas dialogam com as preocupações manifestadas pelo professor Manoel Carlos Chaparro, da ECA/USP⁴, em palestra sobre o tema *Idosos na Imprensa*⁵, que por sua vez remetem a outra revolução de nosso tempo: a revolução das comunicações globalizadas, com o surgimento da internet. Segundo Chaparro, o intervalo entre o acontecimento e seu processamento jornalístico como notícia desapareceu e, por isso, ela deixou de pertencer às redações e passou a pertencer a quem produz instantânea e simultaneamente os acontecimentos, os conteúdos e os discursos a eles correspondentes.

⁴ Coordenador da experiência já encerrada do projeto Reproposta, um jornal feito exclusivamente por idosos, que tinha por lema: “um jornal feito pelas pessoas idosas para pessoas de todas as idades”. Era ligado à Universidade Aberta à Terceira Idade, programa da Universidade de São Paulo.

⁵ Parte do ciclo de debates “Idosos no Brasil: Estado da Arte e Desafios” (2011), promovido pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

Dessa maneira, Chaparro vê a questão dos idosos na mídia como algo que ultrapassa os limites da chamada “Terceira Idade” e atinge toda a sociedade. Compreendê-la nesta amplitude teria, segundo ele, a capacidade de “mudar muita coisa nas pautas jornalísticas.” Para Chaparro, é preciso estimular a organização dos idosos como grupo social ativo, pensante, capaz de elaborar seu próprio discurso, de participar do debate público e, com isso, influenciar diretamente a pauta jornalística. Quando a redação, afirma, passa a explorar o tema da velhice apenas como curiosidade é porque “há um vazio de organização social dos grupos que não conseguem formatá-lo e socializá-lo.”

Davi Braga, coordenador do *Ciclo de Debates Idosos no Brasil: Estado da Arte e Desafios* (IEA/USP, 2011), converge para esta análise ao afirmar que, pela primeira vez no mundo, pessoas com mais de 60 anos são as detentoras da maior parte dos recursos econômicos existentes, mesmo entre os pobres. Cita como exemplo o caso brasileiro, onde o salário mínimo recebido pelos idosos como proventos de aposentadoria é crescentemente o arrimo financeiro de milhares de famílias.

Assim, no encontro de duas revoluções de nosso tempo – a da longevidade e a das comunicações – e considerando os desafios próprios do tema, aqui explicitados, conduzi a escolha das características do veículo de comunicação a ser analisado, procurando aliar a relevância de sua circulação à sua inserção social e histórica no trato das questões da velhice. Nesta direção, optei pela Folha de São Paulo, em parte por ser o jornal de maior circulação no país desde 1986. Foi fundado em 1921, com o nome de Folha da Noite, tendo como alvo o público formado pelos trabalhadores urbanos de São Paulo, procurando noticiar o seu dia-a-dia. Nesse sentido, buscando ampliar o universo de leitores, foi criado em oposição ao jornal O Estado de São Paulo, que representava as elites rurais e tinha posição conservadora, traduzida no seu formato e na rigidez de seu noticiário, o que segmentava fortemente o seu público.

A “Folha”, nome através do qual foi popularizado, nasce, assim, como jornal das classes médias e manteve esse perfil até os dias atuais. Para nossos propósitos, é importante observar que o jornal procura afirmar, como parte de sua imagem, o caráter pluralista de sua política editorial, expresso na quantidade de articulistas, representantes de uma grande diversidade de correntes de pensamento

e estilos, que escrevem sobre os mais diversos temas. Em 1989, a Folha de São Paulo foi o primeiro veículo de mídia impressa a ter *ombudsman*.

A metodologia que utilizarei na análise de matérias e artigos será calcada na análise de conteúdo, definida por Bardin⁶ (2011) como conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a “discursos” diversificados oscilando entre o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade.

Em *A velhice e a violência nos jornais de São Paulo* (2007), Beltrina Corte recorre a Bardin para afirmar a relevância de inferir conhecimentos relativos às condições de produção e mesmo de recepção de conteúdos, “sabendo-se de antemão que a interpretação está presente tanto em quem fala quanto em quem analisa, e que a finalidade de quem investiga o discurso não é interpretar, mas compreender como um texto produz sentidos.” (p 31).

Por fim, cumpre-me ainda a tarefa de explicitar que o presente trabalho está estruturado em três capítulos destinados a relacionar as matérias pesquisadas com as teorias acadêmicas sobre representações do envelhecimento, particularmente aquelas produzidas pela mídia escrita, tendo como suporte a teoria de análise de conteúdo. Nesta direção, o primeiro capítulo visa discorrer sobre um conjunto de conceituações em torno de categorias fundamentais para o desenvolvimento do trabalho como: gerações, velhice, interseccionalidades, representações e características específicas dessas representações na mídia. Já o segundo capítulo busca apresentar o escopo da pesquisa com levantamentos quantitativos, descrição das matérias e demais informações selecionadas e breve avaliação qualitativa das mesmas.

Finalmente, o terceiro capítulo que analisa, à luz dos aportes teóricos, como o jornal Folha de São Paulo veicula as questões relacionadas à velhice e como expressa social e culturalmente suas representações, procurando identificar possíveis alinhamentos ou conflitos interpretativos existentes no universo pesquisado, no período escolhido.

⁶ Laurence Bardin, professora assistente do curso de Psicologia da Universidade de Paris V, desenvolve técnicas de análise de conteúdo no estudo das comunicações de massa.

Capítulo 1 – Conceituações teóricas, categorias analíticas.

*Que podia um velho fazer
nos idos de 1916, a não
ser pegar pneumonia,
deixar tudo para os filhos
e virar fotografia?*

Paulo Leminski⁷

Em 15 de março de 2009, o jornal Folha de São Paulo publicou um caderno especial (**Maioridade** – O velho-novo) dedicado a definir e debater a velhice na contemporaneidade no Brasil. Inicia registrando a mudança de expectativa de vida ao nascer que, de 34 anos no início do século XX, passa a 72,6 anos em 2007, mudando radicalmente a figura do “sexagenário aposentado” (alguém recolhido ao seu aposento) para alguém cuja tipificação abriu-se em leque: terceira, quarta idades, etc. Diz a Folha: “Há um velho-novo nas ruas”.

Mas quem é este velho? Em que termos ele pode ser chamado de novo? O que é a velhice?

Este capítulo pretende discutir o caminho trilhado na construção desta monografia, por meio da explanação de marcos teóricos que dão suporte à análise dos dados coletados na pesquisa. Para chegar a uma compreensão de representações da velhice na mídia, é necessário remeter ao entendimento conceitual das categorias Gerações, Velhice, Interseccionalidades e Representações e de que forma elas se expressam nos dados apresentados.

Tal entendimento, por sua vez, implica levar em conta a complexidade do universo de relações humanas sociais e culturais, no plano do simbólico, que se entrelaçam para configurar aquilo que chamamos de realidade. A obra de Pierre Bourdieu traz um aporte imprescindível para lidar com essa complexidade. Em *A Economia das Trocas Simbólicas* (2005), fala sobre verdades duplas, contradição entre verdade subjetiva e realidade objetiva. Sua concepção da vida social fortemente centrada nas relações e no poder das estruturas simbólicas para configurar o caráter dessas relações leva a uma reflexão inicial importante para este trabalho, especialmente quando nos detemos no sentido da *alquimia simbólica*, que opera na transfiguração das relações de dominação e submissão em relações

⁷ Poema que abre o Caderno Especial da Folha de São Paulo “Maioridade – O velho-novo”

afetivas: “(...) um dos seus efeitos em relações afetivas, a transformação do poder em carisma, sentimento duradouro em relação ao autor do ato generoso, que pode chegar à afeição, ao amor, como vemos com particular clareza nas relações entre gerações.” (p. 170).

Bourdieu entende que o simbólico não é oposto ao real; ao contrário, funde-se a ele, em relações objetivas de poder, estabelece um tipo de violência objetiva que vem da experiência subjetiva transfigurada, de forma que dominação e submissão não são percebidas como tal. Um “ato quase mágico”, como diz Bourdieu. Ele também ensina que, para se produzir, esta alquimia precisa ser sustentada por toda a estrutura social e, portanto, também pelas estruturas mentais. Nesse sentido, o habitus, para Bourdieu, é a manifestação individual desse conjunto de estruturas mentais que internalizam códigos comuns que se aplicam às diferentes situações da vida. É a lei social incorporada:

O “habitus”, que é o princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, é produto de toda a história individual, bem como, através das experiências formadoras da primeira infância, de toda a história coletiva da família e da classe (...)

O produto de um trabalho social de nomeação e de inculcação ao término do qual uma identidade social instituída por uma dessas ‘linhas de demarcação mística’, conhecidas e reconhecidas por todos, que o mundo social desenha, inscreve-se em uma natureza biológica e se torna um habitus, lei social incorporada. (p131)

Assim, as noções do tempo e de geração, inerentes ao conceito de habitus, tornam-se cruciais para estudar a velhice. Alda Britto da Motta em *Geração, a “diferença” do Feminismo* (2000) discute a complexidade analítica do par conceitual idade/geração que, além de dimensão fundante da vida social, projeta-se mais diretamente que outras categorias de análise como, por exemplo, sexo/geração, em uma dimensão ou abrangência temporal, ao mesmo tempo “natural” e social, através da qual faz e refaz seus significados.

Desta forma, para a proposição de análise desta monografia, é necessário trilhar o caminho do desvendamento sugerido por essas reflexões, por meio da explicitação de categorias e conceitos capazes de dar consistência empírica à construção do objeto pesquisado: gerações, velhice, interseccionalidades e representações.

1.1 – Categorias

1.1.1 – Gerações

Quando falamos da categoria gerações, estamos nos reportando a uma gama de situações: seu componente biológico, a idade cronológica; sua inserção social, econômica e cultural; relações sociais, como a família, grupos de pertencimento, relações intergeracionais; relações de poder institucionalizadas, pessoais e da sociedade; relações afetivas entre indivíduos; relações com o Estado e com suas interseccionalidades com classe, gênero, raça e orientação sexual. Outro ponto importante é a fluidez com que o indivíduo é transmutado de posicionamento social de acordo com definições etárias: infância, juventude, maturidade e velhice. As posições de poder e de identidade são assim realocadas ao longo da vida.

A este respeito, Pierre Bourdieu, numa entrevista dada em 1978⁸, diz:

De fato, a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades. (...) A representação ideológica da divisão entre jovens e velhos concede aos mais jovens coisas que fazem com que, em contrapartida, eles deixem muitas outras coisas aos mais velhos. (...)

Esta estrutura, que é reencontrada em outros lugares (por exemplo, na relação entre os sexos) lembra que na divisão lógica entre os jovens e os velhos, trata-se do poder, da divisão (no sentido de repartição) dos poderes. As classificações por idade (mas também por sexo ou, é claro, por classe) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em seu lugar.

E quando perguntado: “O que você entende por velho? Os adultos? Os que estão na produção? Ou a terceira idade?”, responde de maneira esclarecedora sobre o caráter relacional que está embutido no conceito:

“Quando digo jovens/velhos, tomo a relação em sua forma mais vazia. Somos sempre o jovem ou o velho de alguém. É por isto que os cortes, seja em classes de idade ou em gerações, variam inteiramente e são objeto de manipulações. (...) O que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos.”

De fato, a teorização e busca de entendimento sobre geração vem desde o positivismo, em uma linha de desenvolvimento de continuidade e sobreposição linear, dentro da concepção mais geral de progresso social desse pensamento, alterada pela escola romântica e historicista alemã que, com um conceito de tempo

⁸ Entrevista publicada em “Lês Jeunes et le Premier Emploi”, Paris, Association des Ages, 1978. Publicada no Brasil em BOURDIEU, Pierre – *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero.1983.

de coexistência, introduz a contemporaneidade na análise. Indivíduos são da mesma geração porque sujeitos a influências comuns. O tratamento quantitativo é substituído pelo qualitativo.

Karl Mannheim, cientista social que é referência obrigatória no estudo de gerações, define, já em 1928, em *Problema das Gerações*:

O fenômeno social “geração” nada mais representa do que uma espécie particular de identidade de posição, que compreende “grupos de idade” mergulhados num processo histórico-social (...) o problema das gerações é um dos guias indispensáveis para uma compreensão da estrutura dos movimentos sociais e intelectuais. (s/ data, p. 137)

Mannheim desenvolve o conceito de unidades de geração como uma semelhança de posição de vários indivíduos dentro de um todo social, participantes de um mesmo processo histórico e cultural. Uma identidade como compartilhamento de experiências e não da mera contemporaneidade cronológica.

Alda Britto da Motta, em *Geração, a “diferença do feminismo”* (2000, p.3) define a idade como um “componente bio-sócio-histórico estruturador da organização das sociedades”. Destaca a diferença de postura que indivíduos de uma mesma geração podem assumir em um determinado contexto social, por meio de vivências em parte homogêneas e em parte diferenciadas. Citando Guita Grin Debert sobre condição etária e, principalmente, envelhecimento, afirma-os como “mecanismos fundamentais de classificação e separação de seres humanos”.

A tessitura social, do ponto de vista do conceito geracional, diz Motta, é intermediada por relações intergeracionais. Como exemplo fundamental dessas intermediações está a família, base de definição de posições de alternâncias de poder. Somos filhas/os, mães/pais, avós e avôs que mudam suas relações de poder e dependência ao longo da vida. E também o Estado, definidor de idades institucionalizadas, como a maioridade aos 18 anos e, no Brasil, a determinação do limite acima dos 60 anos para a fruição de certos benefícios especiais.

A análise de uma determinada geração, ou na conceituação de Mannheim, uma unidade de geração, além do compartilhamento histórico e cultural, também tem que ser feita pelas lentes de gênero, classe, raça/etnia. Duas pessoas da mesma idade cronológica, digamos 50 anos, não necessariamente tem o mesmo sentimento de pertencimento de sua geração, caso uma delas seja homem, branco, advindo de classe social economicamente mais favorecida e tendo acesso a todas as vantagens da educação formal, e a outra seja negra, mulher, desprovida de

recursos financeiros e apenas alfabetizada. Existe uma grande probabilidade de, apesar de viverem em um mesmo momento histórico, terem percepções totalmente diversas de sua geração e da sociedade em que vivem, desenvolvendo diferentes noções de pertencimento em relação a ambas.

1.1.2 – Velhices

No Brasil, a conceituação institucional de idoso, explicitada por Ana Amélia Camarano em *Conceito do Idoso* (2010), é o limite etário de 60 anos, constante na Política Nacional do Idoso. Já para a Organização Mundial da Saúde é de 60 anos em países em desenvolvimento e 65 em países desenvolvidos. Vê-se, assim, que até os parâmetros cronológicos usados para traçar esses limites, que se transformam em critérios de políticas públicas, são de certa forma aleatórios e dependem do ambiente social considerado.

A questão é: como determinar um ponto de corte para o envelhecimento se, como disse na introdução deste trabalho, não existe velho, existem velhos? A velhice é heterogênea, características biológicas independem de características culturais, as quais fazem parte indissolúvel do processo de envelhecimento. A classificação etária é necessária para demandas em serviços de saúde, transporte, previdência e atendimentos em empresas públicas e privadas, mas, para finalidades sociais mais amplas, este enquadramento mostra-se artificial, pois não leva em conta características culturais dos diferentes grupos e segmentos.

Nesta mesma direção, como afirma Debert em *A invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas* (1997), a velhice é uma categoria culturalmente produzida, não é natural, sendo as categorias de idade construções históricas e sociais. Daí dizer-se que o sistema de datação da idade cronológica é produzido por um aparato cultural, através do qual a padronização das etapas da vida – infância, juventude, maturidade e velhice – servem como marco para o ordenamento econômico e jurídico, institucionalizando e legitimando, desta forma, ações individuais e coletivas.

Os velhos são vistos na literatura e no debate político como pessoas de experiência e necessidades comuns, em geral tidos como dependentes, vulneráveis e improdutivos e, conseqüentemente, responsáveis por crescentes gastos sociais. Tais estereótipos reforçam o preconceito etário e, como explicita Britto da Motta (2004), o preconceito expressa relação social entre sujeitos, em que um desvaloriza

ou nega a identidade do outro. Considero o preconceito etário como um tratamento marginalizador baseado em generalizações apressadas e desinformadas, assentado em uma evidente ignorância sobre a vivência da velhice. Um exemplo disso é a forma infantilizada ou debochada com que muitos velhos são tratados. Ao mesmo tempo, é uma espécie de rejeição do próprio espelho, uma negação arrogante do destino que aguarda inexoravelmente a todos. Tripudiar sobre os velhos, em muitos casos, parece ser uma tentativa patética de afirmar-se jovem para sempre.

No próprio âmbito acadêmico brasileiro, o tema velhice só começou a ser alvo de atenção por parte de estudiosos e do poder público a partir da década de 1960. Antes disso, era tratado basicamente como um problema da família, restrito à esfera privada. A articulação de fatores como o envelhecimento da população, a alteração da pirâmide etária e o aumento de demandas específicas para este segmento provocaram um reordenamento no pensar esta categoria. Cria-se um novo ramo de estudo e pesquisa, a gerontologia, com a formação da SBGG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, fundada em 1961, que impulsionou o interesse de pesquisadores e profissionais em estudar a velhice e o envelhecimento no Brasil. O curso de bacharelado em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo foi a primeira iniciativa acadêmica no âmbito da graduação e teve início no ano de 2005.

O processo crescente de socialização da gestão da velhice levou ao surgimento da expressão *terceira idade*, resultado da implantação das Universités du Troisième Âge na França, na década de 60. Posteriormente, o termo popularizou-se, inclusive no Brasil, tendo sido incorporada rapidamente como alternativa ao termo velhice, visto como pejorativo.

Segundo Debert (1997), esta nova conceituação da velhice é uma forma de desestigmatizá-la socialmente, retirando-a da esfera familiar e privada. O problema é que, neste processo, o conceito terceira idade enveredou para um novo caminho de reprivatização, agora centrado no indivíduo, que passa a ser o principal responsável pela gestão de sua própria velhice. E a Gerontologia e suas ramificações, alerta Debert, que no início deveriam ser um campo de estudo sobre a velhice, transformaram-se num instrumento para desconstruí-la como objeto de estudo e intervenção e para apontar para os velhos como os principais agentes de sua própria qualidade de vida.

Cria-se, dessa forma, uma ruptura na identidade geracional com o aparecimento de novos termos como *melhor idade*, *quarta idade*, *novos-velhos*, *velhos-velhos*, *idosos jovens*, *idosos velhos* e *os sem idade (ageless)*. Esta gama de conceitos determina que as necessidades sociais, econômicas e políticas de pessoas que estão acima dos 60 anos (corte etário institucional), possam ser estratificadas e manipuladas de acordo com o pertencimento geracional que cada indivíduo se atribui.

A privatização da velhice é reforçada neste processo de individualização das responsabilidades sobre o exercício de sua própria cidadania. Tal categorização também sinaliza em outras direções, sobretudo a da idealização de uma suposta juventude embutida na velhice, presente nos termos novos-velhos, idosos jovens e sem idade.

Esta tendência está presente também na criação de grupos e Universidades da Terceira Idade que, em seus programas, priorizam a atividade física e a socialização através de encontros, palestras, oficinas, aprendizado em informática e atividades culturais, e explicitam como objetivo proporcionar formação e aprimoramento constante.

Um ponto importante a ser ressaltado é a participação expressiva de mulheres nestes grupos. Diversos estudos apontam que a participação feminina é de 80 a 90% do total da clientela desses espaços. Isto vai de encontro ao resultado de pesquisas feitas em 2013 pela antropóloga Mirian Goldenberg, para o seu livro *A Bela Velhice*, em que distingue aspirações de velhos em um novo projeto de vida: para as mulheres o importante é liberdade de escolha, novas atividades, liberdade das atividades domésticas e mudança; para os homens o ficar com a família, manter um trabalho, desejo de continuidade em seu estilo de vida e aconchego são as palavras-chave.

1.1.3 – Interseccionalidades

O conceito de interseccionalidade é uma ferramenta analítica fundamental para a compreensão e estudo das múltiplas diferenças e desigualdades articuladas na classificação dos indivíduos. Segundo Adriana Piscitelli (2008, p. 266),

“trabalhar com uma perspectiva interseccional é, em primeiro lugar, não mais tentar apreender ou analisar a realidade através de um ou outro conceito isoladamente, como é o que se tentava fazer a partir do conceito

de gênero; em segundo lugar, é pensar categorias de classificação dos sujeitos de forma relacional e articulada.”.

Nessa perspectiva, grupos e pessoas carregam marcadores sociais que, imbricados, são determinantes na sua conduta social e individual e como são percebidas como sujeitos. Gênero, raça, orientação sexual, classe e geração fazem parte de um todo formador das relações humanas.

Analisar a sociedade e, conseqüentemente, seus indivíduos, através de categorias únicas e compartimentadas empobrece o conhecimento da realidade social desses sujeitos e impede a percepção sobre assimetrias, desigualdades e subordinações. Ao mesmo tempo não podemos cair na armadilha da sobreposição de categorias. A compreensão das assimetrias sociais depende necessariamente de levar em conta a articulação dos diversos marcadores.

A conceituação das categorias citadas define seus aspectos culturais e sociais, a exemplo de gênero que, segundo Joan Scott (1989, p. 21) é “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.”.

A intersecção entre gênero e velhice, a propósito, é um caso clássico, que já foi objeto de estudos que se tornaram referência e demonstraram de maneira cabal a necessidade de procurar o conhecimento nos interstícios desses dois temas, tanto para chegar ao cerne de um quanto de outro. Ou seja, não se conhece velhice sem trazer à tona questões de gênero, ao mesmo tempo em que o aprofundamento do conceito gênero se nutre no território das questões geracionais e intergeracionais, das quais a velhice é elemento constitutivo.

A esse respeito, Alda Britto da Motta, em *As dimensões de Gênero e Classe Social na Análise do Envelhecimento* (1999) amplia o ponto central deste argumento ao estabelecer que a vida social é estruturada em um conjunto de relações que articuladas dinamicamente lhe dão sentido. Essas relações determinantes são baseadas em classe social, gênero, idade/geração e raça/etnia.

Fazendo uma ponte entre o universo da pesquisa, a mídia e a reflexão acerca de como categorias sociais são apresentadas por ela, trago à tona a importante contribuição de Sueli Carneiro em um artigo que trata da representação de mulheres negras na mídia, *Mulheres em movimento, Meios de comunicação* (2003), onde ela afirma que:

Os meios de comunicação vêm se constituindo em um espaço de interferência e agendamento de políticas do movimento de mulheres negras, pois a naturalização do *racismo* e do *sexismo* na mídia reproduz e cristaliza, sistematicamente, estereótipos e estigmas que prejudicam, em larga escala, a afirmação de identidade racial e o valor social desse grupo. A exclusão simbólica, a não-representação ou distorções da imagem da mulher negra nos meios de comunicação são formas de violência tão dolorosas, cruéis e prejudiciais que poderiam ser tratadas no âmbito dos direitos humanos.

Os indivíduos carregam em si uma história marcada por seus grupos de pertencimento, a velhice acrescenta outro fator estigmatizante às suas condições de classe, gênero, raça a depender de seu posicionamento na sociedade. Exploração econômica, opressão política e dominação cultural resultados da desigualdade econômica, do privilégio político e da discriminação cultural, são potencializados pela velhice e nutrem aspectos discriminatórios nas suas relações sociais.

1.1.4 – Representações

Quando falamos em representações, falamos de ideologia, de como, por diversos meios, é passada para o conjunto da sociedade uma concepção oriunda de setores dominantes sobre os mais variados aspectos da vida coletiva. As representações trazem em si modelos de valores e comportamentos que refletem ideologicamente quem está falando.

Embora o termo ideologia seja usado com múltiplos significados e até negado ou aceito com restrições, ele tem um sentido básico, comum a todos, de designar um conjunto de crenças que dizem respeito à esfera pública, que orienta comportamentos individuais e coletivos. As ideologias contem ideias e pressupostos que, por sua vez, levam a estratégias de atuação para mudar ou manter o sistema de poder ou a ordem social e política vigente. No caso deste estudo, ela importa pelo seu caráter legitimador do *status quo*. Ideologia e poder tem vínculos estruturais; a dominação não prescinde de uma ideologia que a justifique. E isso se dá por meio de complexas relações, que resultam na *alquimia simbólica* de que fala Bourdieu (2005).

Quando falamos de velhice, esses elementos estão subentendidos nas inúmeras questões importantes que se colocam no campo das representações: de qual e para qual velho estamos falando? Trata-se da assim chamada *terceira idade*, os *novos-velhos*, ou a população idosa em geral, com suas necessidades sociais e

culturais? Uma nova formulação engendrou uma categoria cultural, levando a mudanças na perspectiva de representações deste estrato social, demandando uma nova gestão em políticas sociais para a velhice e trazendo implicações em políticas tanto do Estado como do conjunto da sociedade, e a mudança da percepção da velhice como imagem de degeneração e perdas.

Debert (1997), em seu estudo sobre a reprivatização da velhice, aponta quatro condições inter-relacionadas como partes constitutivas de mudanças que dão uma configuração específica às representações sobre o envelhecimento nas sociedades contemporâneas. A primeira é que os aposentados não podem mais serem considerados o setor mais desprivilegiado da sociedade, mesmo levando em consideração as diferenças de classe, em que a experiência da velhice deve ser analisada em dados de poder e condições econômicas de cada indivíduo. O fato é que a universalização de aposentadorias e benefícios sociais os coloca em melhor posição que os jovens submetidos a uma situação de desemprego e subemprego em altos níveis. Nesse contexto, a renda do aposentado é, muitas vezes, a única renda familiar, passando ele a ser o provedor, ao contrário do que o senso comum suporia.

A segunda condição está relacionada à elaboração dos cuidados referentes à saúde e ao corpo, em que os indivíduos são instados a assumir a responsabilidade sobre sua aparência e vigor físico. A terceira se refere à produtividade, a partir do prolongamento da capacidade de trabalho, reforçada no discurso público de desconstrução da idade cronológica. São exemplos disso a criação de etapas intermediárias entre a vida adulta e a velhice, no uso de termos como “meia idade”, “terceira idade” e “aposentadoria ativa”, em que a velhice não mais se associa à inatividade. E, finalmente, a inserção dos velhos no mercado de consumo, associada a valores de juventude e estilos de vida e não necessariamente em conformidade com as reais características desse grupo etário específico.

Esta diversidade de situações cria um impasse pelo fato de os velhos publicamente visíveis ou que legitimam o estereótipo midiático não serem os que necessitam de ações mobilizadoras que respondam às suas fragilidades. Citando Debert (1997):

O reconhecimento da pluralidade de experiências de envelhecimento não implica supor que a dependência não seja a condição natural dos que ficam velhos nem propor que não haja limites ao investimento cultural e tecnológico nos processos biológicos. O envelhecimento bem-sucedido e

inovador não pode fechar o espaço para a velhice abandonada e dependente, nem transformá-la em consequência do descuido pessoal. A ideia do idoso como uma fonte de recursos não pode nos levar a responsabilizar os indivíduos pela perda de habilidades e controles físicos e emocionais que o processo envelhecimento desencadeia.

De fato, devido ao acelerado crescimento relativo do segmento e da maior duração de vida de seus indivíduos, a velhice passa a ser um “problema social” que é preciso resolver. Esta questão municia gestores públicos a alertar sobre uma suposta “quebra” do sistema previdenciário e a apontar os riscos do advento de uma sociedade demograficamente velha. Ao lado disto, há uma tendência, inerente ao imaginário social, a construir representações ou tipos sociais ideais em relação às idades da vida, principalmente a juventude, a que resume os anseios mais caros de realização de vida dos grupos sociais.

Esse crescimento do contingente de idosos, para Alda Britto da Motta, em seu texto *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política* (2007), passa a ser um fator redirecionante nas pesquisas e na elaboração e execução das políticas públicas, mas deixa em segundo plano o que pensam, como realmente vivem e, sobretudo o que desejam os velhos.

Em verdade, argumenta Britto da Motta, há uma rejeição social e histórica à condição da velhice, personificada nos idosos, uma figura de certo modo ambígua, que remete ao mesmo tempo ao passado (superado, inútil e oneroso) e ao futuro em que são antevistas doenças, perdas, dependência, fealdade, senilidade e proximidade da morte, o que desencadeia uma pulsão a “exorcizar” esse fantasma do futuro.

Essa mesma autora, ainda tomando o conceito de unidades de geração, destaca a apresentação de diferentes características segundo as várias pertinências identitárias de gênero e de classe social. As atribuições de cada grupo de idade são arbitrárias, porque nem sempre se firmam nas reais aptidões e possibilidades de base cronológica, mas são construídas num tempo social essencialmente dinâmico e mutável.

Por esta lógica, o conceito *terceira idade*, para Britto da Motta, é uma invenção capitalista, motivada pela eficiência econômica, para discutir e justificar uma nova gestão na vida dos velhos trabalhadores e para contornar os problemas aqui citados por meio de representações que os diluem na recriação da velhice segundo esta lógica sistêmica dominante.

1.2- Representações na mídia

A mídia é um micro universo dessas relações e de afirmação da ideologia dominante, das mais diversas formas. Tem presença constante no cotidiano das pessoas e papel privilegiado na produção e reprodução de opiniões, na legitimação de discursos, na afirmação de significados simbólicos. Na contemporaneidade, a chamada sociedade da informação, os meios tradicionais de comunicação sofreram a forte influência da expansão extraordinária das possibilidades de circulação de informações pelos meios eletrônicos, a ponto de os indivíduos terem se transformado eles mesmos em virtuais produtores e distribuidores de notícias, invadindo e problematizando o campo que era domínio exclusivo de instituições e corporações. Hoje, os meios tradicionais tem que dialogar com essa expansão e interagir com ela, tentando manter a sua supremacia no imaginário social. Isso se dá dentro das próprias empresas de comunicação, pela criação de braços eletrônicos de sua função jornalística, pela maior interatividade com seu público e pela adoção de critérios de noticiabilidade que contemplam uma gama maior de interesses presentes na sociedade. Ainda assim, a mídia como instituição permanece sendo um pilar essencial na reprodução da ideologia dos setores dominantes.

Através da pesquisa e análise, a partir dos conceitos e problemas mais gerais aqui expostos, este trabalho se propõe a identificar tendências na cobertura da imprensa escrita sobre questões relacionadas ao envelhecimento e na sua contribuição para a divulgação de representações da velhice. Pretende colaborar para o entendimento do papel de replicador de constructos sociais, da forma de sua narrativa, do discurso sobre esse segmento populacional, através da análise de um jornal de grande circulação nacional.

O crescente interesse no tema da Velhice, por parte da sociedade, dos poderes públicos, das pesquisas acadêmicas, reflete uma maior cobertura midiática.

Leila Freitas, em *A (Re) invenção da velhice: o discurso da mídia sobre o novo idoso* (2010) traz outra variável a este debate, focalizando o aumento da longevidade na sociedade atual. O aumento da população idosa em todo o mundo, diz ela, acrescido do aumento da expectativa de vida, alterou os valores e paradigmas até então vigentes no que se refere à velhice.

Considero de extrema relevância a revisão dos modelos diante desse “novo”

velho sujeito. Trata-se de uma mudança de olhar que passa, necessariamente, pelo viés discursivo, pois os discursos que sustentavam as formas de representação social da velhice já não dão conta do fenômeno de forma satisfatória. E, segundo Freitas, a mídia tem se dedicado incessantemente, ao tratamento desta questão: na televisão, muitos programas têm como protagonistas indivíduos que já passaram dos 40, 50, 60 e/ou mais e também nos veículos impressos o fato se repete.

Ao pôr em tela novos discursos sobre a velhice, a mídia mexe nas redes discursivas e de sentidos já estabilizados — donde reside a fonte de todo o seu dizer — e faz brotar novos sentidos do/para o sujeito velho, o que possibilita o nascimento de um “novo velho” ou, melhor dizendo, de um “novo idoso”(p 2).

Tratando especificamente da mídia escrita, Livia Botelho Félix e Maria de Fátima de Souza Santos, no texto *A velhice na mídia escrita: um estudo em representações sociais* (2011), reportam suas conclusões sobre pesquisa efetuada em 2009 em matérias publicadas nos jornais Folha de São Paulo (SP) e Jornal do Commercio (PE), enfatizando a abordagem de conceber a velhice, ora como uma categoria referenciada ao passado, pensando nas aquisições possibilitadas pela experiência de vida, ora ao presente, ressaltando possibilidades de se vivenciar novas experiências em um envelhecimento mais ativo e, por fim, como vítima da violência social, manifestada no preconceito, no abandono e nos maus-tratos.

Assim como Freitas, destacam também um processo de mudança na representação da velhice, em seus aspectos biológicos, ressaltando perdas físicas, mas em um aspecto social positivo na busca por uma velhice ativa, o que é replicado na mídia. Fato digno de nota é a observação da mudança do termo *velho*, usado como adjetivo para designar algo antigo, substituído por *idoso* para pessoas de idade avançada.

Ada Kesea Guedes Bezerra em *A construção e reconstrução da imagem do idoso pela mídia televisiva* (2006) fala dessa mudança na veiculação da imagem do velho, do ponto de vista histórico, como uma ponte para a prevalência do entendimento da velhice como uma categoria de consumo. Nos anos 30, a imagem da velhice estava associada a doenças, remédios. A partir da década de 50, aparece junto à família, em anúncios de alimentação e cosméticos, mas sempre em função secundária. Na década de 90, os idosos começam a ser representadas como pessoas ativas e emancipadas, com uma imagem mais saudável, conforme

demonstram pesquisas relatadas por Bezerra (2006, p 2), feitas tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil.

Como motivo de tal mudança, percebe-se claramente que com o aumento considerável do número de idosos mostrados nos dados demográficos e com o direito a aposentadoria, a exclusão ou a representação negativa desta categoria desconsiderava uma parcela significativa de consumidores com poder aquisitivo e cada vez mais em ascensão no mercado de consumo. Estes agora dispõem de tempo, saúde e recursos para consumir e realizar atividades de lazer e com um diferencial; atividades específicas para a categoria.

No site Portal do Envelhecimento, em matéria publicada em 01/10/2014, intitulada *Envelhecimento agita mercado de consumo e serviços*, o texto começa com indagações: “É, a idade bate a porta. E o que fazer? Como adaptar um mercado paralisado no público jovem? Quem conhece as necessidades desse velho que está aí? Trabalha, é ativo, tem vida social e continua querendo mais e com qualidade?”. É este o território para pensar a velhice, nas mentes de produtores de bens e serviços, que veem neste suposto novo/velho um nicho de atuação, obrigando as empresas a reformularem suas estratégias comerciais para atender as necessidades deste segmento populacional que é tão complexo e diverso.

Como a mídia está reproduzindo este novo mundo? Apenas ecoando a perspectiva do mercado? De que maneira ela torna visível o envelhecimento da população? Ou, ao contrário, pode-se afirmar que ela o torna, de fato, invisível, na medida em que segmenta e seleciona suas representações segundo critérios de uma noticiabilidade enviesada e também complexa que fala de velhos como se fossem jovens ou apenas “desprovidos de juventude”?

Trata-se de uma reflexão a procura de sua correta dimensão. A propósito, cito a perplexidade de Debert quando relata no primeiro parágrafo do seu texto *O velho na propaganda* (2012, p.155):

Quando comentei, com um dos mais renomados especialistas brasileiros no estudo da mídia eletrônica, que estava coordenando uma pesquisa sobre as imagens dos velhos na publicidade televisiva, recebi uma resposta categórica: “Não é possível. Não há velhos na publicidade.”.

Capítulo 2 – Procurando os velhos nas páginas do jornal

*“Tenho vontade
 de ser também um velho desde sempre.
 Assim conversarão
 comigo sobre coisas
 seladas em cofre de subentendidos
 a conversa infundável de monossílabos, resmungos,
 tosse conclusiva.
 Nem me vêem passar. Não me dão confiança.
 Confiança! Confiança!
 Dádiva impensável
 nos semblantes fechados,
 nos felpudos redingotes,
 nos chapéus autoritários,
 nas barbas de milénios.
 Sigo, seco e só, atravessando
 a floresta de velhos.”*

Carlos Drummond de Andrade, Os Velhos.

2.1 - Caminhos da pesquisa

Neste capítulo são apresentados os dados coletados, compilações gráficas, o ordenamento geral de matérias segundo critérios que considero relevantes para a análise, incluindo matérias regulares do período determinado pela pesquisa, matérias complementares, com ênfase em articulistas que escrevem sobre o tema e cadernos especiais.

A pesquisa que embasa este trabalho foi feita nos exemplares diários do jornal impresso Folha de São Paulo, entre os dias 15 de setembro e 14 de outubro de 2014, tendo como ponto de referência intermediário o Dia Internacional e Nacional do Idoso, comemorado em 1º de outubro.

Em primeiro lugar foram identificadas todas as matérias, noticiosas ou opinativas, considerando a totalidade de Cadernos ou seções em que se divide o jornal, que tivessem alguma ligação com o tema Velhice, com palavras-chave tais como idosos, terceira idade, velhos, veteranos, aposentados e outras, além da indicação enfática da idade de personagens acima de 60 anos.

Posteriormente, essa primeira coleta foi refinada para eliminar matérias que, mesmo portando alguma das palavras-chave citadas, não colaborassem para caracterizar o objeto da pesquisa, ou seja, as tendências de abordagem do tema Velhice na mídia impressa diária, tendo como parâmetro o jornal Folha de São Paulo, pelas razões expostas na Introdução.

O passo seguinte foi organizar o material em quadro (**Anexo 1**) descritivo das principais características de cada incidência, usando para isso as seguintes variáveis:

1 - Título

2 - Caderno/Editoria – informa em que caderno, dentro da organização editorial da Folha de São Paulo, está inserida a notícia/opinião:

- Primeiro Caderno (inclui Editoriais, artigos, Painel do Leitor, Poder, Ombudsman, Mundo e noticiário nacional em geral)
- Mercado
- Cotidiano
- Esporte
- Ilustrada
- Ilustríssima
- Cadernos Especiais: Tecnologia, Eleições, Comida, Ciência e Saúde, Saúde e Folhainvest.
- Revista São Paulo

3 - Localização na página – Este quesito diz respeito aos chamados critérios de noticiabilidade que, por sua vez, são determinados pelos valores-notícia⁹, fundamentais para decidir, dentro da multiplicidade de acontecimentos do dia-a-dia, quais fatos serão noticiados e quais serão descartados. E dentre os selecionados,

⁹ Segundo P. Golding e P. Elliot (*Making the news*, 1979), citados por Gislene Silva, os valores/notícia são usados de duas maneiras: 1) como critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final; 2) como linhas- guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias. (...) Os valores/notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são suas chances de ser incluídos (Golding e Elliot *apud* Wolf: 203).

destaca Gislene Silva¹⁰, quais deverão ser objeto de chamadas e outras hierarquias de destaque, a exemplo da posição e do espaço que ocuparão nas páginas internas. Os valores-notícia são parte de um processo complexo que envolve vários fatores, desde o custo até a linha editorial; dos fatores sociais e culturais que agem nas escolhas dos editores, repórteres e redatores; do interesse manifesto do público pelo tema; características intrínsecas do fato e outros, para chegar à determinação do grau de noticiabilidade. Para nossos propósitos é importante atentar para o que diz Gislene Silva:

É preciso considerar que os valores-notícia são um *mapa cultural*, como define Stuart Hall; ou como afirma John Hartley, os valores-notícia não são naturais nem neutros, “eles formam um código que vê o mundo de uma forma muito particular (peculiar até). Os valores-notícia são, de fato, um código ideológico” (ambos autores *apud* Traquina: 115 e 116). Cristina Ponte, pesquisadora portuguesa, resume bem a problemática dos valores-notícia. “Primeiro ao lembrar, citando H. Hughes, que os valores-notícia não são simples marcas de seleção, mas, mais importante, são marcas de representação; uma vez que a seleção seria um “acto ideológico de representação” (p.129)”.

Assim, conclui Silva, “a demarcação do conceito de valores-notícia se dá, então, dentro da larga compreensão de que a notícia é uma construção social, ou como prefere Schudson, a notícia é um produto cultural”.

Nos limites de nosso trabalho, tais considerações colaboram para atentar, de início, para o fato de que, antes de chegar às páginas do jornal desta ou daquela maneira, as notícias referentes ao nosso tema passaram por uma intensa peneira de competição por espaço, sendo depois hierarquizadas na composição das páginas, segundo a técnica de modulação¹¹ hoje largamente utilizada, como explica Eduardo Nunes Freire:

“a modulação ganha sentido quando passa a ser percebida como elemento de hierarquização, e não apenas uma estratégia de divisão dos espaços. Como uma forma de indicar ao leitor quais os assuntos são mais prioritários que os outros, no modo de ver do jornal. O valor-notícia é, então, expresso em módulos por coluna (matérias mais importantes devem ocupar áreas maiores), mas também se leva em conta a topografia, os níveis, a posição

¹⁰ Silva, Gislene - *Valores-notícia: atributos do acontecimento1 (Para pensar critérios de noticiabilidade I)* - Universidade Federal de Santa Catarina, trabalho apresentado ao V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, julho de 2005.

¹¹ Divisão da área impressa em módulos de colunas e fileiras que definirá o tamanho das matérias e publicidade. Técnica de editoração adotada com o advento da produção digital dos jornais e mídia impressa em geral.

do bloco de conteúdo na página (quanto mais acima e mais à esquerda maior o peso dado ao assunto)¹².

- 4 – Tipo** – identifica a via pela qual a informação é passada: notícia, opinião, reportagem especial, charge, caricatura.
- 5 – Procedência** – indica o núcleo de produção jornalística do qual vem a matéria ou identifica o/a articulista. Exemplo: Reportagem São Paulo.
- 6 – Tema** – apresenta o tema mais geral, ao qual se subordina a abordagem da questão da velhice. Exemplo: Política, Tecnologia.
- 7 – Sub-tema** – apresenta o enfoque mais preciso da notícia/material opinativo. Exemplo: Eleições, Segurança das novas tecnologias.
- 8 – Personagens** – utilizado quando a matéria é feita em torno de uma pessoa.
- 9 – Local de ocorrência** – localização geográfica do fato noticiado.
- 10 – Imagens** – se a matéria é ilustrada, descrição da imagem/foto utilizada.
- 11 – Síntese** – breve descrição do foco principal da matéria.
- 12 – Destaque** – citação de frase ou trecho mais significativo.

2.2 - Caminhos da análise

O estudo das 30 edições consideradas resultou na seleção de 55 matérias. A coleta feita, a organização do material e a definição da abordagem que orientou a pesquisa, bem como os filtros utilizados e o modo de agrupamento são condizentes com o tipo de análise a ser feita. Será utilizada a análise da recorrência de matérias verificada na pesquisa à luz de análise de conteúdo, tal como é definida por Bardin (2011): “a compreensão de como um texto produz sentido”.

No Quadro I - **Cadernos/Editorias** verifica-se que o maior número de ocorrências está no caderno Ilustrada, em função, principalmente, da divulgação de espetáculos teatrais, shows, exposição fotográfica e lançamentos de livros protagonizados por pessoas com mais de 70 anos.

É interessante notar, nesses casos, como o olhar do repórter/editor/colunista seleciona a questão Velhice. Um caso significativo é o da matéria feita sobre abertura de exposição fotográfica (“Selfie é agressão permanente, diz Salgado”, Ilustrada, 18/09) de Sebastião Salgado, de 70 anos. A crítica que ele faz à

¹² FREIRE, Eduardo Nunes. O *design* no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 18, p.291-310, dez. 2009.

proliferação de selfies hoje em dia e o caráter muitas vezes invasivo dessa prática é associado, na matéria, à sua idade, como se a opinião emitida fosse uma limitação etária e um problema de Salgado e não manifestação real do advento de uma cultura efetivamente agressiva: “Aos 70 anos, um dos ícones da fotografia brasileira não conseguiu lidar com a profusão de selfies que tomou conta do evento.”

A notícia sobre show de Bibi Ferreira (“Bibi Ferreira canta sucessos de Frank Sinatra em show”, *Ilustrada*, 19/09) traz um inequívoco encantamento com sua longevidade artística e dá destaque a ela, a exemplo desta citação da artista: “Aos 92 anos e 73 de carreira, finalmente cheguei na minha praia”.

De outra forma, em torno de um tema político em debate acadêmico na USP (“Lições da memória”, *Ilustrada*, 22/09) sobre a ditadura militar no Brasil, a visão de geração também é entendida como pano de fundo para as análises feitas pelos expositores, em geral pessoas de mais de 60 anos: “Em evento na USP, intelectuais da velha guarda cobram dos mais jovens vigor crítico contra efeitos perenes da ditadura na produção do país.”

Em segundo lugar vem o caderno Cotidiano, que reporta histórias de vida e traz matérias opinativas com vários colunistas que ali ocupam espaço periódico fixo.

Neste caderno aparecem com mais nitidez as várias situações em que o tema da Velhice surge na imprensa, recortado pelo dia-a-dia e por acontecimentos inusitados que revelam os problemas e as deficiências das políticas públicas direcionadas aos idosos, assim como vieses culturais preconceituosos. As notícias recolhidas vão desde a mudança na ocupação de espaços em ônibus antes destinados a idosos e cadeirantes, pela emergência das bicicletas como transporte de massa (“Ônibus terão vaga para o transporte de bicicletas em São Paulo”, 20/09), até histórias especiais de vida que tem a idade avançada como componente de destaque.

Este é o caso da mulher que o jornal chamou de Senhora Liberdade (20/09). Com 102 anos, filha de fazendeiro e assistente social por muitos anos, decidiu na juventude transformar a casa recebida por herança num local para abrigar detentos do Presídio Central de Porto Alegre, a maioria condenada por tráfico de drogas e homicídio. Sua iniciativa transformou-se num Patronato (estabelecimento público ou privado destinado a cumprimento de pena em regime semiaberto ou aberto) que funciona há 78 anos. Dois dias depois, o jornal noticiou a morte da Senhora Liberdade (“Morre aos 102, mulher que acolhia detentos”, 22/09). História

semelhante é a da mulher (“Sonhado diploma”, 04/10) de Ipatinga, MG, que prestou vestibular para o curso de Direito aos 92 anos e se formou aos 97.

Na área opinativa, duas ocorrências no período fazem entre si um forte contraponto. De um lado, Tati Bernardi (“Você está ficando velha quando...”, 26/9), desafia uma boa parte dos preconceitos contra velhos. Exemplos: “Alguém te chama pra jantar e você diz que adoraria, que até precisa, porque está entrando em hipoglicemia aguda, mas, infelizmente, está em pré-coma no sofá.”.

De outro, Rosely Sayão (“Gerações,” 07/10), que costuma escrever sobre crianças e adolescentes. Na Semana da Criança escreveu sobre o Dia da Criança, do ponto de vista da exacerbação do consumo e da hipervalorização da infância nos meios de comunicação. Compara ao Dia do Idoso, que tinha sido comemorado uma semana antes sob silêncio da mídia, argumentando que “nem mesmo o mercado de consumo valoriza os velhos”. Diante da constatação de que há uma separação até mesmo física dos espaços “jovens” daqueles considerados próprios para idosos, critica a falta de convivência entre as gerações, e pergunta: “E os que têm mais de 60? Ora, o lugar deles é nos bailinhos para esse grupo chamado de terceira idade - expressão que eu desprezo, por ser mais um recurso social para esconder a velhice.”.

Em seguida, o caderno especial Eleições, editado durante a campanha política para cargos do Executivo e Legislativo, abrangendo os períodos do primeiro (05/10) e segundo (26/10) turnos de 2014, traz a marca da efervescência daquela conjuntura, mas, apesar disso, o único assunto em destaque, dentro do tema Velhice, são as alterações no fator previdenciário, debatidas pelos vários candidatos. A matéria mais significativa a esse respeito (“Conta que não fecha”13/10) expõe as dificuldades do país para enfrentar a mudança de seu perfil demográfico e ressalta o papel dos idosos nesse cenário negativo para as contas públicas: “a alta nos gastos vai ocorrer porque a população vai envelhecer rapidamente; enquanto a taxa de natalidade está caindo, o país terá mais idosos, com menos gente para custear suas aposentadorias.”.

No caderno Mercado, previsivelmente, o destaque é a vida financeira dos aposentados, (“Sobe prazo para pagar consignado de aposentado”, 26/9), mas duas inserções chamam também a atenção. Numa (“Hora do Café”, 16/9), uma charge mostra um casal de velhos vendo TV. A imagem reforça a concepção tradicional da relação homem/mulher – ele sentado no sofá, ela lhe servindo o café. Ambos

supostamente assistem o horário político e ela faz uma pergunta como se achasse que aquilo fosse um excitante programa de luta tipo vale-tudo.

A outra (“Jovem da periferia é consumidor com maior peso no país”, 30/9), noticia um estudo do Mosaic Brasil/Serasa Experian que traça o perfil de 11 segmentos de consumidores, trazendo conclusões e um ponto de vista que, de certa forma, problematiza e contraria a opinião manifestada por Rosely Sayão (Cotidiano, “Gerações”, 07/10) anteriormente reportada. Aqui o velho é visto, sim, como consumidor importante, porém, com recorte determinado, o de “Novos velhos”, com peso de 9,06% na população do país. O grupo "envelhecendo no século 21" também merece destaque no levantamento. “São aposentados de classe média, acima de 60 anos, que usufruem hoje de melhores condições de vida e, por essa razão, demandam serviços e produtos.”.

No restante dos cadernos as matérias são diversificadas. Por exemplo, no caderno Mundo, artigo do colunista Matias Spektor, (“Desordem de Kissinger”, 17/09), sobre livro lançado pelo ex-secretário de Estado americano, Henry Kissinger, trata as posições dele a respeito de diplomacia internacional, como uma questão também etária, geracional, como bem demonstra este trecho: “Aos 91 anos, ex-secretário de Estado dos EUA é um velho obstinado, e novo livro tem tom de resmungo”.

Da mesma forma, mas com viés positivo, entrevista com Estela De Carlotto, presidente da organização argentina Avós da Praça de Maio (“Renasci como uma planta”, Mundo, 4/10), enfoca a convivência com o neto encontrado após 37 anos, relacionando este fato com um renascimento na velhice: “Eu tenho 84 anos, só não teria problema de saúde se estivesse morta. Mas com o encontro de um neto que eu buscava por 37 anos, eu renasci como uma planta que ganha vida.”.

Quadro I

Cadernos/Editorias		Cadernos/Editorias	
Ilustrada	13	Revista São Paulo	1
Cotidiano	10	Tecnologia	1
Eleições	8	Ilustríssima	1
Mercado	6	Poder	1
Mundo	4	Folha corrida	1
Guia São Paulo	2	Comida	1
Ciência e saúde	2	Saúde	1
Folhainvest	2	Informe Publicitário	1

A **Localização na Página**, no Quadro II, mostra que embora a Velhice não tenha sido objeto de manchete no período, tem presença relevante. Levando-se em conta a quantidade de matérias que direta ou indiretamente a tem como foco, configura-se um destaque significativo para o tema. As matérias localizadas na porção superior da página, espaço considerado de maior visibilidade e, portanto, no topo da hierarquia de valor na diagramação, somam 29, cerca de 52,7% das matérias selecionadas. Dentre essas, cinco estão no canto superior esquerdo, também local privilegiado quanto à localização, 1 no canto superior direito e a maioria ocupa a totalidade das colunas no topo da página, aí incluídos artigos.

Na parte inferior da página estão 11 matérias. Algumas matérias estão classificadas como de página inteira, mas, deve-se ressaltar que não são dedicadas integralmente ao tema Velhice. Ele aparece de maneira subsidiária ou indireta, a exemplo de “#eu na eleição” (Caderno Eleições 06/10), uma seleção de depoimentos enviados à Folha, na qual constam as falas de duas aposentadas, ambas de 92 anos, que inequivocamente aparecem como curiosidades. Em outro caso, uma página inteira sobre as promessas de campanha feitas em 2010 pelo governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (Caderno Eleições, “Alckmin deixou de cumprir 44% das promessas de 2010”, 02/10), entre as quais a ampliação dos centros de referência da terceira idade, cumprida de maneira parcial.

Também no Caderno Eleições (“A conta não fecha”) está a única matéria de página inteira efetivamente dedicada a um sub-tema do tema Velhice, a Previdência. Não no corpo do jornal, mas na Revista São Paulo, com distribuição restrita ao estado de São Paulo, há outra matéria de página inteira (28/9) contendo entrevista com um hoteleiro de 85 anos sobre sua vida dedicada ao ramo, com evocações do passado e observações sobre os efeitos da passagem do tempo.

As demais páginas inteiras são de dois informes publicitários. Um deles, da própria Folha de São Paulo (14/10), abre na totalidade do espaço uma foto do rosto de uma mulher velha, com os dizeres: “A Folha é a favor das manifestações. Eu também.” A outra divulga o Dia Mundial do Coração (28/09) destacando no texto sobre fatores de risco: “Fatores não modificáveis: hereditariedade, idade e gênero”.

No item Capas, incluem-se as matérias que estão nas páginas frontais de seus respectivos cadernos. São cinco ocorrências, das quais duas tratam diretamente de um sub-tema de Velhice, o Mal de Alzheimer. A primeira, “Uso de tranquilizante pode elevar risco de Alzheimer” (caderno Saúde, 01/10), e a segunda, “Trio recebe

Nobel pela descoberta de GPS mental” (caderno Ciência e Saúde, 07/10) sobre descoberta científica importante para a compreensão das causas do Mal de Alzheimer.

As demais tratam parcialmente ou subsidiariamente o tema Velhice. No caderno Tecnologia de 16/09 (“Conectadas e vulneráveis”), em notícia sobre segurança das novas tecnologias, com base em pesquisa sobre as dificuldades de seu uso no âmbito doméstico, a ilustração é uma charge de um velho se atrapalhando com senhas complexas, o que corrobora o preconceito corrente sobre a incapacidade dos mais velhos de se utilizarem de novas tecnologias. No caderno Ilustrada (“Como vovó fazia”, 30/09) a colunista Barbara Gancia trata de maneira debochada o lançamento de “O século do sexo”, livro sobre clássicos da literatura erótica: “A Hedra chega com três títulos que prometem chamar a atenção de uma geração pré-comatosa em matéria de sexo, cujo contato se dá intermediado por drogas estimulantes, energéticos ou uma tela de computador.”

Quadro II

Localização		
Superior:	31	
	Totalidade colunas	23
	Esquerda	6
	Direita	2
Página inteira	12	
	Página interna	7
	Capa caderno	5
Inferior:	10	
	Totalidade colunas	2
	Esquerda	5
	Direita	3
Centralizada	2	

Com relação ao **Tipo**, o Quadro III mostra a predominância do noticiário sobre as outras formas de veiculação de informações. A matéria opinativa é composta de artigos de colunistas colaboradores habituais do jornal. Dentro do item Nota estão incluídas notícias breves de coluna social e de obituário, bem como de programação de shows e uma frase específica de personalidade pública.

Reportagem e reportagem especial são dedicadas a retratar as atividades atuais de personalidades do mundo artístico (Leonardo Cohen e José Ramos Tinhorão), enfatizando a velhice de ambos. O mesmo ocorre nas entrevistas, sendo

que neste item estão incluídos os pequenos depoimentos dados à matéria “#eu na eleição” (Caderno Eleições, 06/10).

Quadro III

Tipo	
Notícia	35
Opinativa	7
Nota	5
Entrevista	3
Reportagem Especial/Reportagem	2
Publicidade	2
Charge	1

O Quadro IV procura estabelecer, dentro da categoria **Personagens**, uma diversificação básica entre, de um lado, figuras públicas, de destaque social pelos mais variados motivos – de expertise profissional a talento artístico ou notoriedade política – e, de outro, pessoas anônimas que, por circunstâncias específicas, são alçadas ao noticiário ou se transformam em objeto de atenção e debate efêmero.

No caso das figuras públicas, há predominância de pessoas ligadas às artes e, em seguida, à política. Há apenas uma matéria com citação de personagem do esporte e uma do meio acadêmico.

Quadro IV

Personagens	
Pessoa pública	22
Pessoa comum	8

Em **Temas e Subtemas**, no Quadro V, as matérias envolvendo manifestações culturais e pesquisas efetuadas sobre consumo de cultura e lazer foram as mais recorrentes. Neste sentido, foram consideradas como expressão do tema Velhice quando a matéria especificava a categoria nitidamente e essa informação fazia parte relevante do sentido da notícia. Por exemplo: no Caderno Ilustrada (“Bibi Ferreira canta sucessos de Frank Sinatra em Show”, 19/09), a ênfase da matéria não está no conteúdo do show, mas, sim, na idade da atriz e cantora que, aos 92 anos, continua ativa na profissão. Outro bom exemplo (caderno Ilustrada, “Lições da Memória”, 22/09) é a notícia sobre o evento promovido pela Universidade de São Paulo para discutir o período da ditadura militar no país. Aqui também, a par do conteúdo do debate e da expertise dos acadêmicos participantes, o jornal deu destaque ao fato de que, sendo pessoas que tiveram atuação profissional e, em alguns casos, política, durante o período citado, as suas “lições” hoje teriam um forte componente

de conselhos da velhice aos mais jovens: “Intelectuais da velha guarda cobram dos mais jovens, vigor crítico.”.

Quadro V

Temas e Subtemas					
Cultura	13	Literatura	2	Figura de linguagem	1
Velhice	10	Alzheimer	2	Ditadura militar	1
Entretenimento	10	Tecnologia	1	Impacto ambiente cultural	1
Previdência	6	Segurança tecnológica	1	Gênero	1
Política	5	Política internacional	1	Consumo de lazer e bens culturais	1
Saúde	4	Conservadorismo diplomático	1	Perfil	1
Eleições	3	Exposição fotográfica	1	Publicidade	1
Família	3	Transporte urbano	1	Meio Ambiente	1
Aposentadoria	3	Sistema prisional	1	Recursos hídricos	1
Geração	3	Ressocialização presos	1	Culinária	1
Violência	2	Inadimplência	1	Jornalismo	1
Finanças	2	Consumo	1	Academia Brasileira de Letras	1
Morte	2	Sexualidade	1		
Empréstimo consignado	2	Declaração de voto	1		

É interessante verificar que essa grade temática contraria meu próprio pressuposto, ao iniciar a pesquisa, de que encontraria principalmente matérias sobre previdência, saúde e violência contra o idoso, o que não aconteceu. O levantamento mostrou que a representação do idoso, pelo menos na amostra verificada, tende mais a demonstrar sua vitalidade e sociabilidade de uma forma positiva. Uma hipótese que pode ser levantada a esse respeito é a de que, para a sociedade, importa mais reforçar as supostas qualidades de uma chamada Terceira Idade ou da categoria novos velhos, numa espécie de tentativa de “espantar os fantasmas” existenciais e sociais dessa faixa etária, demonstrando como contraponto um horizonte positivo, por meio de seguidos exemplos de vitalidade e de fruição da vida na velhice.

Assim, os valores-notícia e os critérios de noticiabilidade estariam revelando, também, uma tendência de abordagem do tema Velhice basicamente pelo viés do consumo, seja direta ou indiretamente, a partir de elementos muito complexos, de difícil percepção. Embora não esteja no escopo deste trabalho, esta indicação da pesquisa poderia ser um caminho a ser aprofundado e comprovado, ou não, em amostras mais amplas e diversificadas em termos de veículos de informação.

Outro ponto a ser observado é que, em plena época de eleições envolvendo os principais postos executivos e legislativos do país, não se discute a velhice como um problema do poder público ou foco de políticas integradas. A relação entre velhice e aposentadoria domina, nos seus diversos aspectos, deixando invisíveis todas as demais variáveis do tema.

2.3 - Matérias suplementares

Com o intuito de reforçar esta pesquisa, selecionei algumas matérias relevantes veiculadas durante o ano de 2014, que tratam mais especificamente do tema. Uma delas, disponível apenas no site da Folha de São Paulo, *Brasil cai 27 posições e ocupa 58ª em ranking de bem-estar de idosos*, da BBC Brasil (01/10/2014), e outra no caderno Cotidiano, *Bairros periféricos de São Paulo têm menos idosos*, da reportagem de São Paulo (25/01/2014).

A primeira traça um panorama, feito pela organização Help Age International, através de um ranking entre 96 países, em que o Brasil se situa em 58º, publicado no Dia Internacional das Pessoas Idosas das Nações Unidas, do que denomina bem-estar do idoso, a partir de quatro quesitos principais: ambiente estimulante, segurança de renda (pobreza e cobertura de aposentadorias), status de saúde (expectativa de vida e bem-estar) e capacidades (emprego e educação para pessoas com mais de 60 anos).

Segundo a pesquisa a causa principal da colocação brasileira é o quesito “ambiente estimulante”, que avalia segurança física, relacionamentos sociais, liberdades cívicas e acesso a transporte público. Analisando os dados desagregados, o Brasil tem seu melhor desempenho em segurança de renda, devido à cobertura por aposentadorias de 86,3% da população acima dos 60 anos de idade, baixa pobreza na velhice (8,8%) e à relativa cobertura de serviços básicos pelo Estado, o que possibilitaria aos idosos brasileiros serem mais independentes. Em status de saúde o país tem uma expectativa de vida de 21 anos a partir dos 60 e em capacidades, que mede emprego e educação, o Brasil tem 52,3% das pessoas acima dos 60 empregadas e apenas 21,1% com educação superior.

A segunda matéria traça um comparativo entre percentual de moradores com mais de 60 anos em um bairro de classe média alta e em outro periférico, de pessoas de baixa renda, na cidade de São Paulo. “Enquanto um em cada cinco moradores do Alto de Pinheiros (zona oeste da capital) tem mais de 60 anos, em

outro canto da cidade, em Anhanguera (zona norte), a proporção de pessoas mais velhas cai para menos de um em cada vinte moradores.”

Ambas as matérias são noticiosas, se atêm a veicular dados, incluindo um infográfico com o mapeamento bairro a bairro da distribuição da população idosa na cidade e depoimentos pontuais, sem aprofundar discussões de causas e efeitos.

A Folha ainda mantém em seu quadro de colaboradores, atualmente, dois colunistas que, no ano de 2014, escreveram matérias sobre envelhecimento: Cláudia Collucci¹³, que escreve às terças-feiras, e Julio Abramczyk¹⁴, que escreve aos sábados.

Claudia Collucci, em seus recentes artigos, fala sobre fragilidades dos velhos: física em *Idosos são as principais vítimas dos atropelamentos com morte* (26/08/2014), institucional, em *Plano de saúde submete idoso a consulta médica antes de aceitá-lo* (13/08/2014), social e familiar em *Laços de sangue nem sempre são laços de amor* (01/07/2014) e financeira em *Idoso se endivida mais e sofre com abusos* (22/06/2014). Em outro sentido, mostra uma velhice saudável e independente em *Idosos exibem disposição para encarar exercícios vigorosos* (28/01/2014).

O panorama que a colunista apresenta está nitidamente vinculado a uma gestão individual da vida na velhice. Em trecho de seus artigos afirma: “Ninguém tem dúvida da importância das atividades físicas na prevenção de doenças e no processo de um envelhecimento ativo. (...) Em casa, sedentários (os velhos), diminuem o tempo de vida saudável e tornam-se rapidamente dependentes de cuidados de terceiros. Todo mundo perde: o próprio idoso, a família e o Estado”.

No artigo sobre laços familiares, cita pesquisas que vinculam o isolamento na velhice à morte do parceiro (a), à depressão ou outras doenças e ao rompimento de laços sociais e familiares, citando serviços de teleassistência que monitoram esses

¹³ Repórter especial da Folha, especializada na área da saúde. Mestre em história da ciência pela PUC-SP e pós graduanda em gestão de saúde pela FGV-SP, foi bolsista da University of Michigan (2010) e da Georgetown University (2011), onde pesquisou sobre conflitos de interesse e o impacto das novas tecnologias em saúde. É autora dos livros 'Quero ser mãe' e 'Por que a gravidez não vem?' e coautora de 'Experimentos e Experimentações'

¹⁴ Médico formado pela Escola Paulista de Medicina/Unifesp, faz parte do corpo clínico do Hospital Santa Catarina, onde foi diretor-clínico. Na Folha desde 1960, já publicou mais de 2.500 artigos

idosos que vivem sós. Pode-se questionar se o “viver só” é condicionante de isolamento e solidão ou decisão de vida na manutenção de autonomia e liberdade.

O colunista Julio Abramczyk fala do envelhecimento do ponto de vista da medicina, em artigos como *Andar na esteira ajuda a tratar Alzheimer* (03/05/2014) e *As quedas dos idosos* (08/03/2014), apresentando pesquisas e estudos na área.

2.4 - Cadernos especiais

O jornal Folha de São Paulo editou, em um intervalo de 13 anos, editou três cadernos especiais sobre o envelhecimento. Na edição de 26/09/1999, em comemoração ao Ano Internacional do Idoso das Nações Unidas¹⁵, publicou encarte especial denominado *Mais Velhos*, com reportagens, artigos especiais, entrevistas e informações utilitárias. Em 15/03/2009, também como encarte especial, publicou o caderno *Maioridade, o Velho-Novo*, elaborado a partir de pesquisa nacional efetuada pelo Datafolha, com reportagens intercaladas por depoimentos dos pesquisados. Em 24/01/2012, como resultado do trabalho final de *trainees* em jornalismo diário e gráfico do jornal, elaborou o site *+50*, ideia surgida a partir da análise dos dados do censo de 2010 do IBGE, com a constatação do envelhecimento da população brasileira.

2.4.1 - Caderno Mais Velhos – 1999

O caderno inicia com matéria especial, *Idade não define a fronteira da velhice*, assinada por Marcelo Leite, sobre expectativa de vida, usando o termo terceira idade e considerando que a determinação de seu início em 60 ou 65 anos só serve como base para fixar políticas públicas na área de saúde. Citando o pensador político italiano Norberto Bobbio, diz que, para a maioria dos velhos do mundo, a velhice deve ser “nem tanto um continuar a viver, mas um não poder morrer”. Não são eles, velhos de carne e osso definhantes, os contemplados em 1999 com o Ano Internacional das Nações Unidas. Estes são os “idosos” que vivem só nas estatísticas. Analisando a velhice a partir da premissa do trabalho, verifica um cenário pessimista para o futuro, onde os velhos serão vistos como improdutivos e

¹⁵ A ONU também estabeleceu que o dia 1º de outubro é o Dia Internacional do Idoso.

onerosos para a sociedade e conclui que a definição do ser idoso é do próprio velho e não da sociedade.

As matérias mais relevantes para o escopo desta pesquisa tratam do sentido da criação das Universidades da Terceira Idade e dos fatores e relações que influenciam uma percepção positiva da vida. No primeiro caso, *O caminho de volta à universidade* fala do propósito de escolas públicas e privadas de ensino superior de tirar os idosos de casa, envolvendo-o em atividades intelectuais e de integração que possam melhorar sua autoimagem e reforçar sua autoestima, inclusive com a inclusão em aulas de graduação junto a alunos regulares das faculdades.

No segundo, a matéria Interessante, do ponto de vista da análise, é *Como se apaixonar pela vida na velhice*, que inicia com a indagação “Qual o segredo da felicidade na velhice?”. A receita apresentada é: saúde, amizade e família. Falar de sexo é tabu entre os idosos, pois têm vergonha ou temem ser ridicularizados, mas, segundo psicóloga que trabalha com idosos depressivos, as relações sexuais entre idosos são muito mais frequentes do que se imagina, mesmo antes de o Viagra aparecer.

Também relacionadas a esse universo estão as reflexões da articulista Marilene Felinto na matéria *Último asilo*, na qual descreve justamente o espaço problemático da velhice oposta à glamourização implícita no mundo da “Terceira Idade” ou “novos idosos”. Ela mostra como a velhice nos asilos particulares ou filantrópicos se confunde com solidão, ociosidade e abandono, às vezes com doença física, outras vezes com demência mental e como eles acabam sendo lugares onde se depositam os idosos para “viver seus últimos dias”, eufemismo para “esperar a morte chegar”. Alguns (a minoria) são vítimas da absoluta falta de parentes ou da perda de vínculos com a família, mas a maioria vem de famílias bem constituídas, tem filhos, netos, irmãos e irmãs. Também de Felinto, complementar a essa, é o relato de como o Ministério Público do Estado de São Paulo age para fiscalizar os asilos e evitar violência contra os idosos, levando em conta, principalmente, a prestação adequada de serviços em três itens: alimentação, assistência médica e higienização. Segundo as informações do MP, desde 1994 (portanto, nos quatro anos anteriores à publicação do Caderno) de 500 asilos, foram fechados 48, sendo que em 70% dos casos atendidos, as denúncias foram de violência física, psicológica e patrimonial.

Esta velhice “fora dos padrões” do mercado também aparece em algumas matérias da área da saúde. Uma delas, *Os sintomas da depressão*, fala dos sintomas (e do período de manifestação deles) que caracterizam esta doença: vontade de se isolar, deixar de falar, não comer ou comer muito, diminuição do autocuidado (fazer a unha, pintar o cabelo), doenças e morte passam a serem temas frequentes, tem doenças psicossomáticas: tudo dói, chora por qualquer razão, não sente vontade de levantar da cama, não sente vontade de fazer qualquer atividade, tem um forte sentimento de culpa, experimenta uma sensação de inutilidade e não consegue se concentrar. Ao mesmo tempo, a matéria sobre os planos de saúde privados, *Custo expulsa idoso de planos de saúde*, revela que idoso é “mercadoria” que dá prejuízo, pela lógica desse mercado, pois pessoas com mais de 60 anos consomem cerca de quatro vezes mais serviços de saúde em relação a outras faixas etárias.

Outras matérias dedicam-se às relações institucionais da velhice com políticas variadas. *Brasil vai adotar plano para idoso* trata da então nova conceituação do idoso adotada na Política Nacional de Saúde do Idoso, reconhecendo o envelhecimento da população.

A aposentadoria e a Previdência estão em várias matérias, apontando já o tema recorrente do colapso da previdência pública e de novas fontes de financiamento, e registrando a resistência às novas regras de idade mínima para aposentadoria, então recém-aprovada (reforma da Previdência, aprovada em dezembro de 1998, após quatro anos de discussão). Destaca-se também – em *Interior do país sobrevive à custa dos aposentados* – o fato de que os benefícios concedidos pela Previdência Social já representavam 20,3% dos rendimentos das famílias nos municípios com até 5.000 habitantes, principalmente no nordeste do país, onde os idosos eram os responsáveis pelo sustento de 20 milhões de pessoas, funcionando como uma espécie de programa de renda mínima.

Em contraponto ao tema da aposentadoria, a matéria *Trabalho ainda é rotina de 4 milhões de idosos* indicava o crescente contingente de brasileiros com mais de 60 anos que se mantinham no mercado de trabalho. Dados do IBGE demonstravam que, entre 1989 e 1997 esta população praticamente dobrou. A matéria aponta que para muitos deles trabalhar era uma necessidade e para outros uma oportunidade de começar novos projetos após a aposentadoria.

2.4.2 - Caderno Maioridade – 2009. “Maioridade – O Velho-Novo”

O caderno baseia-se em pesquisa Datafolha realizada em novembro de 2008 sobre idosos, a partir da informação divulgada em 2007 pelo IBGE, de que a expectativa de vida do brasileiro ao nascer subira para 72,6 anos. No início do século XX, era de 34 anos. Esta nova realidade foi a que a Folha dispôs-se a dissecar, por meio de amostragem com 1238 pessoas de 60 ou mais anos, em 140 municípios de 24 estados e do Distrito federal. A população idosa, na metodologia da pesquisa, foi dividida em quatro sub-universos, representando as regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Norte/Centro-Oeste do Brasil.

O jornal partiu da constatação de que longevidade, anticoncepcional, liberação sexual, divórcio e avanços da medicina tornaram obsoleto aquele velho precoce de antes. Até os termos que o caracterizavam mudaram. Em lugar do sexagenário aposentado entraram expressões como terceira e quarta idades, que indicam mais vida pela frente. Há um velho-novo nas ruas, dizia a Folha, e o jornal foi a campo, em pesquisa nacional inédita, para responder quem ele é, como vive e o que pensa.

A pesquisa, que teve repercussão inclusive no mundo acadêmico – tendo sido citada em vários estudos e artigos desde então – pelo seu ineditismo, mostrou que 54% dos idosos ganham 1 salário mínimo de aposentadoria, o que os deixa, em termos de ganhos, em melhor situação do que o restante da população. Trata-se do suficiente para excluir a ampla maioria dos que têm 60 anos ou mais das estatísticas relativas à pobreza e à miséria. Basta dizer que, internacionalmente, convencionou-se classificar a primeira como uma renda abaixo de US\$ 2 diários e a segunda, de US\$ 1 ao dia; o mínimo atual dá mais de US\$ 6. Porém, apenas 2% dos idosos pertencem à classe A, mesmo percentual da população em geral, enquanto 40% estão nas classes D e E. Segundo o Datafolha, 79% não têm carro, 72% não têm plano de saúde e 63% não têm telefone celular. Mas são os destinatários do maior programa social do país: a previdência pública, cujos gastos somam o equivalente a mais de 20 vezes os do Bolsa Família, principal bandeira do governo atual. Conforme a leitura, os dados podem alimentar os dois lados da maior polêmica em torno da seguridade social do país: critica-se o volume de dinheiro público destinado aos idosos, mais que o dobro dos recursos federais, estaduais e municipais para a educação, porém, chamam a atenção o impacto desses gastos na redução da pobreza e o papel crescente dos idosos no sustento familiar.

O Caderno procura fazer uma radiografia exaustiva das características da velhice na atualidade. Chega a fazer uma extensa tipologia de idosos com base em capacidades físicas e níveis de atividade. Faz também um relato descritivo sobre as mutações físicas e psíquicas próprias do envelhecimento. Há também espaço para a visão crítica de especialistas a respeito do que chamam de mitificação do “velho-jovem”, dando margem a uma cobrança social que estabelece expectativas altas demais sobre o que se considera envelhecimento saudável, coincidindo com o que estudiosos como Motta (2006) e Debert (1997) apontam, ou seja, transferindo para os idosos a responsabilidade sobre as limitações da velhice.

Nesse sentido, é de particular interesse a matéria que trata dos preconceitos contra a velhice - *Mais visibilidade, maior intolerância* –, também coerente com os estudos existentes sobre o tema. Ela mostra como a percepção dos velhos como sendo associados a pessoas não produtivas, um ônus social que atrapalha a vida dos mais jovens. A terceira idade cresce, aparece e ganha direitos, afirma a matéria, mas tem de lidar com um preconceito que ela mesma compartilha. De patrimônio a encargo. Assim pode ser resumida a inversão na imagem social dos mais velhos, que, de sábios e transmissores do conhecimento, o status do passado, transformaram-se em ultrapassados e descartáveis.

Traduzida em números, a mudança vira mal-estar generalizado: 87% dos idosos dizem que a sociedade tem preconceito contra eles, embora só 24% tenham sentido a discriminação na própria pele. A origem histórica da transformação está no surgimento da sociedade moderna, que atrelou o valor social do indivíduo à sua capacidade produtiva. Como, em tese, o idoso está fora da cadeia produtiva, é visto como inútil. Ao mesmo tempo, o crescimento populacional (que tem sido maior na faixa da velhice) aumentou a visibilidade. Antigamente, o “velho” vivia principalmente no âmbito familiar; hoje, ele está em quase todo lugar, mais do que preconceito, isso gera intolerância. Os avanços obtidos na inserção social dos mais velhos também ajudaram a alimentar certa animosidade. O lugar em que a discriminação se faz mais presente, dizem os idosos, é o transporte público, onde têm gratuidade e lugares reservados. Entre as agressões morais citadas - que incluem situações reais e sensações difusas (indiferença, descaso, xingamentos), uma frase depreciativa é campeã: “Lugar de velho é em casa”.

Contudo, esta é a mesma sociedade que supostamente tem do velho uma nova imagem, rejuvenilizada. A matéria *Um afeto que não se encerra* fala sobre a forma equivocada de vender a velhice idealizada do velho-jovem. O risco, aponta o jornal, é substituir o clichê do idoso descartado pelo uso por um estereótipo novinho em folha, o do velho-jovem. "A velhice deixou de ser a antecâmara da morte, mas ficou quase que idealizada. A sociedade exalta o idoso que faz plástica, toma Viagra e faz sexo, pratica esporte, estuda, viaja. Isso gera um fenômeno de exclusão social, porque frustra quem não vive assim por falta de dinheiro", ressalta a psicanalista Dorli Kamkhagi¹⁶. Vender a terceira idade como uma Disneylândia é um equívoco até para quem tem condições financeiras de fazer tudo isso, diz a psicanalista. "Nos consultórios, há muitos homens e mulheres que entram em depressão aos 45 anos porque não sabem como serão vistos quando forem velhos."

2.4.3 – Comparativo

Em 2012, o jornal Folha de São Paulo tratou novamente do tema idosos, em edição especial, mas, desta vez, na forma de um site criado para expor o trabalho da turma de treinamento em jornalismo diário e jornalismo gráfico de 2011/2012. A ideia do tema surgiu da análise dos dados do censo de 2010 do IBGE, que demonstra o envelhecimento populacional no país, fazendo a projeção de que, em 2050, mais de 18% da população terá mais de 60 anos, contra 10,8% em 2010. O site retoma a linha de análise dos Cadernos anteriores da Folha, tentando mapear os desafios dos idosos do futuro e apontar tendências nas áreas de saúde, trabalho e afeto.

Em relação aos Cadernos, o site, chamado de + 50, introduz novas situações como transtornos alimentares, o crescente problema da obesidade, o aumento de idosos soropositivos, homossexualidade, estudos científicos voltados ao prolongamento da vida e a existência de cidades brasileiras nas quais a maior parte da população está acima dos 60 anos.

Para efeito desta pesquisa, contudo, desconsiderei uma análise circunstanciada do site porque isso fugiria do objetivo de estudar a mídia impressa. A explicitação da existência do site é importante, de qualquer forma, para evidenciar o que foi afirmado no capítulo 1 sobre as estratégias de sobrevivência dos jornais impressos por meio de expansão para as mídias eletrônicas.

¹⁶ Autora de "Psicanálise e Velhice" - ed. Via Lettera, 2008

Fazendo um comparativo entre os dois cadernos especiais impressos apresentados, um tema recorrente é saúde. Se em 1999 já se fala de depressão e doenças do coração, dos impasses associados aos planos de saúde, na pesquisa de 2008 esses temas são abordados de maneira mais consistente, inclusive através de classificações de saúde física e mental, com tipificações detalhadas tanto de capacidades ou incapacidades como perda de memória e falta de mobilidade, como de doenças físicas e psíquicas associadas à velhice.

A aposentadoria é apresentada nos dois cadernos em seu aspecto econômico como um ônus a ser resolvido, e repete-se a abordagem da previdência pública como algo tendente ao colapso diante do contingente crescente de idosos, mantendo-se a polêmica em torno de mudanças no seu cálculo, alternativas de previdência privada e mudanças na idade limite para aposentadoria.

Apesar disto são expressos outros aspectos com relação ao tema, como a importância da renda dos aposentados para a economia de cidades pequenas, a melhor situação de quem recebe benefícios em relação ao restante da população, no que diz respeito à incidência de pobreza e miséria.

Outro ponto destacado nas duas edições é o da imagem dos velhos, tratados de maneira preconceituosa como pessoas improdutivas e onerosas. Um tema que, apesar de ser apresentado em ambas as edições, altera o viés ao longo do tempo é o da moradia. No primeiro caderno é citada a segurança e conforto dentro de casa em contrapartida a inseguranças das ruas; no segundo, é apontado um crescente número de idosos que moram sozinhos por opção ou em condições precárias de asilamento.

Em 1999 somos informados de que o mercado de consumo começa a perceber os velhos e em 2012 constatamos que a indústria e o comércio já os têm como clientes importantes e desenvolvem produtos, tecnologias e serviços apropriados para suas necessidades. No primeiro caderno é citada a criação das primeiras Universidades da Terceira Idade. Falar de sexo é tabu e o importante é boa saúde, amizade e família. A pesquisa do segundo caderno mostra que, para os velhos, saúde é mais importante que dinheiro, estudo, trabalho ou religião. Suas aspirações são saúde e casa própria e seu maior medo é a violência.

Nas duas publicações o uso do termo velho-novo é mostrado com restrições, observando que o envelhecimento saudável depende de um estilo de vida adotado ao longo de toda a vida, que mesmo com avanços na medicina e tecnológicos a idealização de uma velhice jovem é uma mitificação, uma idealização equivocada.

Ao longo dos 10 anos que separam as duas edições, questões relevantes associadas à Velhice, como por exemplo, saúde e previdência, se mantêm em situação quase que inalterada, como problemas sociais a busca de solução. No entanto, o mercado de consumo vem se apropriando, de forma crescente, desse segmento, é a lógica do capitalismo.

Capítulo 3 – Análise da pesquisa

*"A juventude chama a velhice através dos cansados
anos:
'O que encontraste?', grita a ela
'O que procuraste?'
'Aquilo que tu encontraste', responde a velhice,
chorando:
'Aquilo que tu procuraste'."*
Dylan Thomas, poeta galês.

Ao longo dos dois primeiros capítulos, foi apresentado o material pesquisado e aportes teóricos, destacando categorias e conceitos imprescindíveis para a análise proposta nesta monografia. Este capítulo dedica-se à descrição analítica do material apresentado, seguindo a metodologia da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

Segundo Bardin, a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis, em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados na esfera de comunicações de massa, desde os grafites inscritos em locais públicos até o discurso político, o universo da propaganda, as novelas e o mercado editorial.

A utilização dessa análise visa possibilitar um instrumental que considero importante na exploração dos significados e, por consequência, das ideologias que estão embutidas nas matérias aqui apresentadas. A partir desta análise, é possível desvendar, na pesquisa, a presença de situações nas quais, uma vez aplicados os conceitos e teorizações apresentados, eles serão corroborados ou não.

3.1 – Análise de matérias

Considerando o escopo da pesquisa, envolvendo as edições diárias no período considerado e o material suplementar já descrito, a análise temática do texto é efetuada através da verificação da relevância dos conteúdos tendo em vista o tema em destaque – a Velhice –, da sua importância no contexto, das valorizações e desvalorizações dos sujeitos presentes em uma abordagem que, tomando por base a recorrência, identifica e delinea tais conteúdos.

A análise de conteúdo destaca dois parâmetros de verificação e estudo sobre tema: a unidade de registro e a unidade de contexto. No primeiro caso leva-se em

conta o objeto, como eixo principal em torno do qual a pesquisa se organiza; o personagem, estabelecido em função de atributos ou características; o acontecimento, relato e dimensão do fato; e o documento, registro físico.

Na utilização desta metodologia, a incidência da interpretação está mediada por polos de atração na análise, a que Bardin (2011) chama de inferência: o emissor, ou produtor da mensagem; o receptor, a quem a mensagem é dirigida; a mensagem propriamente dita, analisada através de códigos e significações; e o medium, isto é, o canal, o suporte material do código. A unidade de contexto é utilizada como unidade de compreensão e significação das unidades de registro, corresponde à mensagem, a compreensão do que está implícito no discurso, qual o objetivo e quais os valores e atitudes que se querem afirmar.

Utilizando como unidade de registro as matérias compiladas, são 55 matérias em 30 dias - o que denota uma recorrência do tema da velhice, pois podemos verificar a ocorrência de quase duas matérias por dia. Contudo, analisando quadro a quadro o levantamento feito, vemos que a maioria trata de indivíduos velhos e suas peculiaridades pessoais/circunstanciais, e não sobre o tema propriamente dito. São matérias noticiosas, principalmente sobre figuras públicas, tendo como foco algum tipo de evento. A velhice está apenas subentendida, em função da idade dos personagens, ainda que em vários casos ela se faça presente numa espécie de subtexto no qual é associada a alguma particularidade do personagem, até mesmo apontando uma suposta inabilidade específica, como a falta de intimidade com tecnologias modernas de comunicação.

Matérias que discutem a velhice como fato social estão mais bem representadas nas matérias suplementares, fora do período pesquisado, nas colunas dos articulistas e nos cadernos especiais. É notável, no período, a falta de reportagem ou mesmo notícia relevante a respeito do Dia Internacional do Idoso, citado somente em uma coluna opinativa. Não sem razão, a autora, Rosely Sayão (07/10), questiona:

“No dia 1º de outubro, foi comemorado o Dia do Idoso. Alguém leu ou viu reportagens sobre os nossos velhos, observou campanhas, mesmo publicitárias, incentivando a compra de presentes para esse público? Nem mesmo o mercado de consumo valoriza os velhos. E os que têm mais de 60? Ora, o lugar deles é nos bailinhos para esse grupo chamado de terceira idade, expressão que eu desprezo, por ser mais um recurso social para esconder a velhice.”.

Assim, na análise do material coletado, a contextualização dos registros, utilizando exemplificações reportadas nos quadros de compilações quantitativas,

como no **Quadro I - Cadernos/Editorias**, com incidência marcante no Caderno Ilustrada, mostra predominantemente manifestações culturais como, por exemplo, peças teatrais: em “Incêndios” (17/09), narrando tragédia familiar sob o ponto de vista feminino a respeito de questões intergeracionais. Ou em “Peça reflete sobre oportunidades perdidas” (01/10), sobre relações perdidas e mortalidade, e ainda “Renato Aragão faz sua estreia no palco em musical no Rio” (03/10), na qual o comediante afirma-se intimidado com o palco, mesmo após cinco décadas de carreira. Na área da música, em “Leonardo Cohen leva clima de cabaré a CD” (19/09), destacando as dificuldades físicas do artista e seu posicionamento sobre a morte; em “Bibi Ferreira canta sucessos de Frank Sinatra em show” (19/09), com depoimento da atriz/cantora de 92 anos de idade e 73 de carreira, afirmando: finalmente “cheguei na minha praia”. Em séries de TV, em “2° ano de Três Teresas volta a focar o conflito de gerações” (22/09), mostrando como a personagem da avó tenta driblar a solidão e o estigma da idade; e em literatura em “Livro revê geração que combateu ditadura” (11/10), destacando que a geração que empreendeu esta luta chegou ao poder.

As matérias elencadas acima trazem, por um lado, ênfase na produtividade de pessoas idosas - mesmo após os 90 anos -, endossando o discurso da velhice saudável, mas, de outro, a temática dos espetáculos apresentados, em si mesma, fala sobre conflitos intergeracionais, da morte, do medo da velhice, da solidão e preconceitos. É interessante como se articulam contraditoriamente, nesses casos, o que o jornal quer destacar – a velhice é uma fase da afirmação de vitalidade e conquistas – e aquilo que o conteúdo dos eventos noticiados grita e debate: os problemas, o desamparo, a encruzilhada existencial da velhice.

Em outros cadernos, como Cotidiano, as notícias sobre uma mulher de 102 anos que abriga detentos em sua casa (20/09) e outra que completou o curso de Direito aos 97 anos (04/10), reforçam a escolha de personagens longevos como modelos de envelhecimento ativo. E, em contrapartida, a matéria sobre idoso que tentou se suicidar e matou a mulher, a pedido dela (30/09), acrescida da pesquisa efetuada em São Paulo, mostrando que somente 30% dos idosos com mais de 80 anos envelhecem bem na cidade (05/10), ilustram as adversas condições reais vivenciadas pelas pessoas idosas.

A mensagem que se extrai destas reportagens é difusa e pode ser mesmo considerada contraditória. O enaltecimento do envelhecimento ativo apresentado no

discurso se choca com a realidade vivenciada e que escapa por entre as matérias. De um lado, os modelos apresentados de pessoas que “driblam” a velhice são pontuais. De outro, as dificuldades físicas, sociais e psíquicas dos velhos aparecem em maior medida quando o noticiário não trata de indivíduos, mas de grupos sociais. Reforçando esta percepção, estão as matérias dos colunistas destacados no capítulo 2, que discorrem sobre saúde e, também, o fato de ser este o tema mais recorrente dos cadernos especiais. Nas matérias diárias a divulgação de feitos pessoais, destacando a idade do personagem, aponta para o vigor físico de pessoas que, pelo senso comum, em função da idade, já deveriam estar retiradas do mercado de trabalho. Como uma espécie de lição de moral aos decaídos, do tipo “mirem-se nestes exemplos”.

Analisando em conjunto os **Quadros II - Localização** e **III - Tipo**, vemos que o tema da velhice encontra destaque mediano nas páginas do jornal. A maioria das matérias são noticiosas, cerca de 65%, e dentre as opinativas somente duas tratam diretamente do tema. Apesar deste possível desinteresse em polemizar sobre tema que deveria ser considerado de grande relevância para uma sociedade que envelhece, paradoxalmente a localização espacial das matérias ocupou lugar de destaque, vista sob critérios de noticiabilidade, através de um número expressivo de notícias em locais superiores das páginas, na totalidade das colunas e em páginas inteiras. A edição dos cadernos especiais e o site da Folha de São Paulo mostram a importância de uma discussão mais intensa pela mídia sobre o envelhecimento, em especial, tendo em vista a mudança da pirâmide etária da população. Esta importância é atestada pelo próprio jornal, a ponto de ter realizado, por meio de seu instituto de pesquisas, o Datafolha, um trabalho de folego, base do caderno especial “Maioridade – o velho-novo” (2009), que é citado e referenciado inclusive em trabalhos acadêmicos.

No **Quadro IV - Personagens**, reforçando a exposição de modelos, pessoas públicas aparecem em maior número, especialmente os trabalhadores da área artística. Mesmo levando-se em conta a necessidade de que, nesta área, a sobrevivência profissional esteja ligada à divulgação, é interessante verificar a predominância de personagens individuais em detrimento de notícias sobre segmentos e grupos, especialmente no que concerne aos beneficiários de políticas públicas. Destaco, novamente, a exiguidade de notícias, conseqüentemente de discussão, sobre políticas que tenham a velhice como foco, em plena época de

eleições majoritárias para os cargos executivos nacional e estaduais, coincidente com o período da pesquisa. De qualquer forma, é preciso relativizar este fato, pois as eleições de 2014 não se caracterizaram pelo debate aprofundado de quaisquer temas de interesse nacional.

Sobre temas e subtemas, objeto do **Quadro V**, o destaque é a cultura, reforçando a mostra dos outros quadros, na individualização dos personagens noticiados. Temas de interesse social como previdência, política, aposentadoria, violência e saúde ficam em segundo plano. Reportando aos cadernos especiais e matérias complementares, o universo é oposto, pois mesmo exemplificando com depoimentos pessoais, a temática recai sobre situações e problemas de interesse geral, em mapeamentos feitos a partir de pesquisas e embasados por falas de acadêmicos e profissionais que trabalham com o tema do envelhecimento.

Com relação ao uso de termos de tratamento dos indivíduos, não há um que seja notoriamente prevalecente, mas nota-se que o uso de *velho* vem em um contexto negativo, enquanto *idoso* é o termo corrente. Quanto ao uso de *terceira idade*, observa-se que o próprio jornal, evita usá-lo. Alguns colunistas o criticam abertamente ou a ele fazem ressalvas, mas é interessante notar que ele vem praticamente oficializado em documentos de instituições que são objeto de notícia, a exemplo de “Inflação da terceira idade perde força no terceiro trimestre” (14/10). Nesta matéria, o título apenas reproduz o próprio título do documento divulgado pelo Índice de Preços ao Consumidor, da Fundação Getúlio Vargas. Outro exemplo vem em reportagem (“Alckmin deixou de cumprir 44% das promessas de 2010”, 02/10/2014) sobre as promessas de campanha do então candidato paulista Geraldo Alckmim, na qual é reproduzido o compromisso de ampliar os centros de referência da Terceira Idade.

Destarte, nota-se que, majoritariamente, os velhos representados no jornal diário são saudáveis, ativos, se mantêm produtivos e são apresentados como exemplos do novo-velho, mesmo que não nominados como tal. A representação da velhice no jornal reforça este estereótipo, sendo enfatizada recorrentemente a autonomia dessas pessoas. Por outro lado, nas matérias suplementares e nos cadernos especiais, nos quais os velhos são citados através de pesquisas e levantamentos, é quando se demonstra que as fragilidades existem. Vale ainda ressaltar que nas matérias sobre saúde e situação econômica fica evidente que este

novo-velho é integrante de uma determinada classe social, portanto, possuidor de possibilidades de manutenção do status que pode gozar durante toda sua vida.

Não custa lembrar, ainda, que os personagens que estão fora desta situação favorável, apontada acima, são apresentados somente como estatística. Assim, apesar de o jornal apresentar uma postura crítica, que fica patente em alguns de seus artigos, acaba por legitimar esta nova imagem da velhice, reproduzindo e divulgando a imagem idealizada da velhice ativa como padrão dominante.

Outro ponto que merece ser lembrado é a maneira como a relação entre idade social e idade biológica é mostrada de forma conflituosa. Em algumas matérias é reforçada a negação da idade biológica, como se somente o fato de negar o passar dos anos fosse suficiente para conferir juventude. Uma matéria ilustra esta relação – “Você está ficando velha quando...” (26/09). Nela, a colunista Tati Bernardi discorre sobre um arsenal de situações “vexatórias”, aparentemente risíveis, mas com uma forte e inescapável marca do preconceito etário: “Alguém te chama pra jantar e você diz que adoraria, que até precisa, porque está entrando em hipoglicemia aguda, mas, infelizmente, está em pré-coma no sofá.”.

No que diz respeito à representação visual dos velhos, a maior parte das imagens, no período pesquisado, tem conotação positiva, mostra pessoas e situações que transmitem sinais de bem estar e satisfação. Este é um fator muito significativo de reforço da mensagem geral passada pelos textos, como foi explicitado acima, de uma velhice saudável e predominantemente ativa. Considero particularmente importante esse dado, pois, na composição de um veículo de comunicação, a imagem tem um significado marcante, já que é uma linguagem de forte apelo ao leitor, imprime credibilidade e expressividade ao texto, é onde primeiramente o olhar recai, chamando atenção para a matéria.

Não custa lembrar que, nas imagens, estão embutidas mensagens daquilo que o emissor quer nos dizer. Assim, a maioria das fotos apresentadas traz os personagens citados anteriormente, como por exemplo, em 4/10, da sra. Chames Rolim, de 97 anos, vestida com a beca de graduada em Direito. Por outro lado, conotação negativa vem expressa nas charges, como em “Hora do café” (16/09), de um casal de velhos assistindo TV, com o homem sentado e a mulher lhe servindo café, questionando se o programa eleitoral é uma luta de vale-tudo, reforçando o estereótipo da mulher serviçal e desinformada. E também na ilustração da matéria

“Conectadas e vulneráveis” (16/09), mostrando um velho em dificuldades para a utilização de senha eletrônica.

3.2 – Análise dos receptores

Na Introdução deste trabalho explicito a escolha do jornal Folha de São Paulo, entre outras razões, por seu caráter pluralista, dando espaço para as diversas correntes de pensamento de seus articulistas. Esta é uma característica que está em consonância – e certamente por isso é cultivada e apontada em material de auto-propaganda do jornal – com o perfil dos leitores, cuidadosamente mapeado para fazer parte do conjunto de fatores que levam às escolhas que configuram a identidade editorial e, não menos importante, como estratégia de marketing para atrair anunciantes.

Não é a toa que o jornal Folha de São Paulo mapeia o perfil de seus leitores em levantamento feito por seu Instituto de Pesquisa, Datafolha, regularmente. Na pesquisa efetuada no primeiro trimestre de 2014, com 2.023.000 leitores, em âmbito nacional, mostra que este público pertence majoritariamente às classes A e B (78%), a maior parcela está entre 25 e 44 anos (46%), sendo que a faixa etária correspondente aos idosos, com mais de 55 anos é significativa no cômputo geral, são 21% do total. A divisão por sexo é quase equitativa, 55% são homens e 45% mulheres.

Entre os interesses apresentados pelos leitores, o destaque é para o noticiário de atualidades (85%). Em segundo lugar vem as matérias atinentes a finanças pessoais/orçamento familiar (63%), seguidas de política nacional (58%) e comportamento (50%).

Os dados relativos a consumo mostram que 85% tem acesso à internet, 79% tem planos de viajar nos próximos 12 meses, 76% têm imóvel próprio e 70% costuma fazer compras em shopping centers.

Com relação aos leitores do Caderno Ilustrada, o de maior incidência de matérias na pesquisa apresentada, com pesquisa restrita à área da Grande São Paulo, os maiores interesses recaem sobre atualidades (84%) e cinema (81%), e é informado que este público costuma ler livros para fins de lazer (79%) e ir a shows (63%).

Complementado as informações citadas na pesquisa de 2014, os dados da pesquisa extensiva realizada em 2007, trazem outras variáveis para a compreensão

de quem é este leitor, indicado pelo próprio jornal como integrante do topo da pirâmide da população brasileira. cursou ensino superior completo (68%) e pertence às classes A e B (90%), sendo que a maior parcela está entre 23 e 49 anos. A maioria é branca, católica, casada e tem filhos. Sobre questões consideradas polêmicas, os leitores se posicionam a favor do casamento gay, da legalização do aborto, da reforma agrária e contra a pena de morte. São, por outro lado, contrários à descriminalização da maconha e a favor da redução da maioridade penal.

Outros dados importantes para definir o perfil desse receptor: são usuários da internet e consumidores de mídia, pois, 92% assistem a telejornais, 69% leem revistas, 58% ouvem notícias no rádio e 57% seguem noticiário on-line. O meio impresso, porém, é o preferido dos entrevistados: se tivessem que optar por um, 53% ficariam apenas com o jornal.

O leitor típico tem 40 anos e um alto padrão de renda e de escolaridade. Se uma pessoa for escolhida ao acaso no universo de leitores do jornal, a probabilidade de que seja homem é idêntica à de que seja mulher. Teria renda individual na faixa que vai até 15 salários mínimos e a familiar chega a ultrapassar os 30 mínimos.

A pesquisa identificou que 17% são aposentados. Envelhecimento é um fator que se nota no acompanhamento da série temporal do 'Perfil do Leitor'. Em 1988, levando-se em conta somente o estado de São Paulo, representavam 28% dessa amostra os que tinham mais de 50 anos. Já na pesquisa de 2007, os pelo menos quinquagenários são 41% do total, considerando a mesma região. O crescimento desse segmento populacional de leitores, no estado brasileiro com a maior concentração do PIB nacional, segundo dados do IBGE de 2011, foi de 46% em 12 anos.

Tomando estes dados como base, a predominância de notícias na área cultural tem um direcionamento específico para os leitores da Folha que são potenciais consumidores neste segmento, estão em situação econômica que os diferencia da totalidade da população, como apresentado na matéria “No Brasil, 42% não consomem cultura” (24/09). O destaque é para aposentados; pessoas com mais de 55 anos, casados e pessoas com filhos com mais de 18 anos completam o grupo.

Considerando ainda este perfil em relação ao seu grupo de pertencimento, e verificando a história dos personagens apresentados, pode-se inferir que o leitor com mais de 60 anos é um segmento da população que vivenciou na juventude o período da ditadura militar e as revoluções sociais e culturais dos anos 60, se não

participante, pelo menos como observador privilegiado. O próprio jornal sinaliza seu interesse neste mesmo leitor em seu anúncio publicitário, “A Folha é a favor das manifestações, eu também.” (14/10), usando foto de mulher com aparência idosa.

Assim, pelos dados apresentados, vê-se que o jornal continua fiel às suas origens, ou seja, basicamente um representante da classe média urbana, composta de pessoas majoritariamente de situação econômica bem acima da média. Este perfil mostra consonâncias entre emissor e receptor, no direcionamento das mensagens, o que faz com que um jornal que prima pela pluralidade e, inclusive, faz disso seu lema, nem por isso deixa de colaborar na manutenção de exclusões, ao contribuir para a replicação de ideologias que refletem os processos de hierarquização da sociedade brasileira, em que representantes e representados são os assim chamados “formadores de opinião”.

3.3 – Análise referenciada em aportes teóricos

Norberto Bobbio, o filósofo, historiador e cientista político italiano, dizia que "quem louva a velhice não a viu de perto". Em sua obra em que reflete sobre a própria velhice – O tempo da memória -, escrita aos 88 anos (ele morreu em 2004, aos 95), afirma:

“(...) também hoje existe uma retórica da velhice que não assume a forma, aliás nobre, da defesa da última idade contra o escárnio, quando não do mais completo desprezo, frutos da primeira, mas se apresenta sobretudo através das mensagens televisivas, com uma forma disfarçada e aliás eficientíssima de captatio benevolentiae dirigida aos eventuais novos consumidores. Nessas mensagens não o velho, mas o ancião, termo neutro, aparece bem apessoado, sorridente, feliz de estar no mundo, porque pode enfim desfrutar de um tônico particularmente fortificante, ou de férias particularmente atraentes. E assim também ele se transforma num celebradíssimo membro da sociedade de consumo, trazendo consigo novas demandas de mercadorias, bem-vindo colaborador da ampliação do mercado. Em uma sociedade onde tudo pode ser comprado e vendido, onde tudo tem um preço, também a velhice pode transformar-se em uma mercadoria como todas as outras.(...) A velhice não está separada do resto da vida que a precede: é a continuação da nossa adolescência, juventude, maturidade.” (1997)

Bobbio expressa com perfeição um quadro retórico mercadológico que confirmamos ao longo da pesquisa e do estudo que embasaram esta monografia. Pode-se dizer que, como diz Bobbio, “em uma sociedade onde tudo pode ser comprado e vendido”, por que a velhice não seria também transformada em questão de mercado?

Provavelmente a barreira a ser ultrapassada para se obter tal incorporação lógica, seja a dos valores. Nesse ponto, retomando o conceito de *habitus* de Bourdieu (2005), como a manifestação individual de um conjunto de estruturas mentais que internalizam códigos comuns que se aplicam às diferentes situações da vida, o caminho mais evidente para a compreensão da velhice parece ser o da criação desses códigos em relação ao envelhecer, para cuja internalização a mídia evidentemente vem desempenhando um importante papel. Ela representa grupos e indivíduos, e para além de uma suposta isenção na divulgação de notícias, traz a marca das representações hegemônicas em um contexto marcado por relações de poder.

A partir das indagações apontadas na Introdução deste trabalho, cabe retomar alguns dos questionamentos que nos movem: quais são as informações que consumimos sobre o envelhecimento? Quais são as tendências das notícias veiculadas nos jornais a esse respeito? Como simples informação, devendo obedecer aos decantados princípios da objetividade, imparcialidade, neutralidade? Ou devem ser vistas como um “produto cultural” e uma narrativa, implicando a existência de um “jornalista-narrador” que conta histórias a um suposto “leitor-destinatário” que espera encontrar a continuação das narrativas existentes? De que modo o envelhecimento nos é dado a conhecer por meio da mídia impressa? Que informações são consumidas pelos leitores?

No caso desta pesquisa, devemos considerá-la como um micro cosmo na análise da veiculação de um dos importantes meios de comunicação do país: um grande jornal diário de circulação nacional, mas que produz informações direcionadas a um público específico, cuja mensagem predominante é a do envelhecimento saudável. Assim, é possível afirmar que existe um direcionamento que corrobora para a impossibilidade da não isenção, destituindo qualquer possibilidade de imparcialidade e neutralidade como premissas da narrativa. Portanto, não é surpresa reconhecer que, dentro desta lógica, as notícias têm, por princípio, a produção e reprodução de uma apologia a um “velho” idealizado, consoante com o perfil de seus leitores.

Considero de grande utilidade a reflexão realizada por Debert (1997) ao apontar as condições inter-relacionadas que vêm produzindo o fenômeno da reprivatização da velhice. Em nossa análise, também foi possível identificar as conexões com esse fenômeno, pois, nas matérias pesquisadas, fica bastante

evidente a ênfase na questão dos cuidados no tocante à saúde e produtividade, responsabilizando o indivíduo pela gestão de suas condições de vida. Como já citado, o foco das narrativas recai sobre pessoas que se mantêm ativas e atuantes no mercado de trabalho e, logicamente, simultaneamente inseridas no mercado de consumo, sempre em associação direta a valores da juventude. Os velhos visibilizados pelo jornal são independentes, apesar de as próprias pesquisas veiculadas mostrarem que a realidade é muito diferente, visto que a grande maioria da população idosa necessita de cuidados, em função de um processo de vulnerabilidade coletiva e fragilidades circunstanciais dos ciclos mais avançados da vida humana.

Como apontado anteriormente, é considerado ponto pacífico entre os estudiosos que a idade cronológica deve também ser considerada como construída social e culturalmente. Nesse contexto, na análise do material de nossa pesquisa, nos deparamos com dois modelos de velhice: de um lado, o “modelo das notícias”, estabelecido através da afirmação recorrente de uma autonomia desse sujeito e, constituindo, um modelo que reflete o assim chamado “novo-velho”, mesmo não sendo, muitas vezes, nominado desta forma; de outro lado, temos o modelo apresentado pelas pesquisas, em especial aquelas de cunho gerontológico, que confirma o clássico modelo do velho e de suas fragilidades. Cria-se um impasse, pois o estereótipo do velhinho arquejado e senil agora tem seu contraponto. Agora temos uma mídia que se encarrega de disseminar uma nova imagem do envelhecimento, calcada na auto preservação e no auto cuidado, legitimando a conduta política, social e cultural dos indivíduos e retirando do Estado sua obrigação de prover cuidados a uma população cada vez mais numerosa.

Para reforçar esse tipo de análise, intensifica-se um reordenamento da relação entre idade social e idade biológica. Isso por que: quem consegue prolongar sua atividade laboral e pertence a um grupo com acesso a bens e serviços privados, pode driblar com suficiente competência as mazelas que advém do envelhecimento e que são agravadas com o avanço dos anos. É como se a padronização e institucionalização desta etapa da vida fossem colocadas em uma encruzilhada, um impasse que tem que ser resolvido pelos próprios velhos, individualmente tomados.

Assim, paradoxalmente, a afirmação de que os velhos são vistos como um segmento populacional homogêneo, com experiências e necessidades comuns, em uma imagem de dependência e vulnerabilidade, não mais encontra eco nas páginas

do jornal. Hoje, cada vez mais, esse “novo” discurso do envelhecimento autônomo aparece como uma grande resposta: a possibilidade de engendrar uma saída para o problema crescente do aumento de gastos sociais com o envelhecimento da população. “É possível envelhecer bem, só depende de você.”

Mas, o paradoxo da encruzilhada traz a tona o “outro lado da moeda”, pois a realidade mostrada pelas pesquisas do próprio jornal, também desvenda a adversidade e expõe as necessidades inadiáveis de quem não tem condições culturais, sociais, econômicas e financeiras que lhes permita a autogestão da própria velhice, como bem ilustrado no título da matéria que afirma “Só 30% dos idosos com mais de 80 anos envelhecem bem em SP” (05/10). A esse respeito, Britto da Motta (2006) já nos alertava quando denunciava que o modelo de juvenilização das fases da vida está, cada vez mais, circunscrito a uma idealização que é recorrente na massificação da imagem do velho ativo, mas não encontra eco na realidade social.

Não nos causa surpresa, portanto, a constatação de que a construção da identidade do idoso é, de certa forma, embaralhada na vivência cotidiana dos indivíduos classificados como velhos, que a profusão de termos como terceira idade, idosos jovens e sem idade tentam reclassificar. A tentativa de homogeneização de suas representações, de que fala Debert, esbarra nas possibilidades reais de condições materiais para sua consecução.

Na insistência da imagem fragmentada desse idoso ideal X idoso real, a persistência do discurso ratificador do preconceito etário como presente na sociedade é demonstrado em várias situações, em especial, em matérias dos cadernos especiais. No artigo “Mais visibilidade, maior intolerância”, do Caderno Maioridade de 2009, por exemplo, é citado que a “terceira idade” cresce, aparece e ganha direitos, mas tem de lidar com um preconceito que ela mesma compartilha. A desvalorização e a negação de uma identidade social, não vem somente do outro, é manifestada também no auto reconhecimento. Apesar deste alerta para a existência do preconceito, o próprio jornal abre suas páginas para a sua reprodução, como nas charges que divulga e nos textos de seus colunistas como Tati Bernardi, já citados anteriormente. E fica patente nesta postura de preconceito etário, a rejeição ao velho na sua personificação de doenças, perdas, dependência, fealdade e senilidade, como pontuado por Britto da Motta (2006).

Destarte, mesmo que o tema da Velhice, de interesse crescente na sociedade e nas pesquisas acadêmicas, seja também refletido nas páginas do jornal – haja

vista sua incidência em matérias que o tem como assunto principal ou como pano de fundo - fica para nós a questão sobre a forma de sua veiculação, prioritariamente centrada em um subgrupo de indivíduos que não reflete a grande maioria da população idosa. Assim, ficou patente que a fala dos idosos e sobre os idosos no jornal está impregnada por condições de classe, que subsidiam representações de um tipo ideal de velho, com alto poder de consumo, seja de bens materiais ou culturais. Com esta afirmação, estamos querendo dizer que as narrativas construídas majoritariamente sobre os velhos, estão assentadas em uma estratégia nitidamente mercadológica voltada para o perfil tipificado do leitor padrão. Isso significa dizer que existe um velho nas páginas do jornal analisado, sim, mas é um único tipo de velho: aquele que pode comprar, não apenas mercadorias, mas a sua própria “poção do bem envelhecer”.

Por fim, cumpre-nos dizer que a pauta jornalística, como diz Chaparro (2011), pertence a quem produz os acontecimentos e, numa sociedade capitalista, são os que podem consumir, os que alimentam a geração de seus conteúdos e vice-versa, legitimando, neste processo o discurso de uma representação idealizada da velhice autônoma. Mas, essa mesma representação de um tipo ideal de velho é colocada em xeque pela análise do conjunto do material pesquisado – em especial quando comparamos as edições diárias e matérias especiais -, dando às narrativas um caráter ambíguo. Neste contexto, é preciso afirmar que tanto o novo quanto o velho sujeito apregoado carecem de novas formas de enunciação, pois as que estão aí já não dão conta de forma satisfatória de sua representação. O estereótipo do velho ativo, atribuindo novos significados à velhice, atende a uma lógica da sociedade de consumo, de que é preciso incorporar este segmento populacional cada vez mais numeroso ao mercado de bens e serviços. Neste processo representativo, a criação de uma identidade ideal é subvertida e desestabilizada quando é confrontada com as reais condições de precariedade apontadas pelos idosos nas pesquisas.

Considerações finais

Ao longo desta monografia, que buscou analisar as representações da Velhice na mídia, as escolhas feitas e aqui desenvolvidas não se deram de imediato e nem seguiram um trajeto linear. De um começo no qual eu estava certa do núcleo central temático de meu interesse acadêmico – a Velhice – mas tinha à frente um leque de possibilidades e ângulos de abordagem, o trabalho atencioso e preciso de orientação, feito pela professora Marcia Macedo, levou-me a um campo de enorme interesse, pela sua complexidade e capacidade de interferência social: a mídia escrita. Ao foco no jornal Folha de São Paulo, pelos motivos explicitados ao longo do trabalho e, especialmente, por ser o jornal brasileiro de maior circulação nacional e um dos de maior interlocução política com os diversos segmentos da sociedade brasileira, seguiu-se um rico exercício de estabelecer recortes analíticos para a apreciação do material bruto coletado na pesquisa, com base em aportes teóricos imprescindíveis para a discussão sobre representações na sociedade e, em particular, representações sobre a Velhice.

É preciso, de início, apontar o desafio de lidar com um tema que, para além da obviedade trazida pelo viés etário e pelos problemas específicos de abordagem da questão dos idosos, traz consigo a necessidade de um esforço nada trivial para entender profundas relações sociais, culturais, econômicas que, ao final, desvendam um pouco mais sobre as dinâmicas de dominação e subordinação de nossa sociedade e sobre os impasses decorrentes de nossa condição humana.

Dentro desta perspectiva, a experiência revelou-se de grande aprendizado e envolvimento pessoal, dada a circunstância de estar eu mesma numa fase da vida em que me reconheço no meu objeto de pesquisa e com ele interajo muitas vezes à revelia de uma opção racional, senão pelo conjunto de inferências de ordem afetiva, cultural e existencial que a todo momento emergem. Sou uma pessoa adentrando o universo dos idosos e, ao mesmo tempo, tentando entendê-lo e apropriar-me dele do ponto de vista do conhecimento acadêmico. Em que medida isso interfere no meu caráter de estudiosa que se pretende isenta?

Sem querer adentrar a velha discussão sobre a pretendida ou ilusória isenção do pesquisador, compreendi na prática a impossibilidade de uma suposta isenção apartada de valores e compromissos sociais. E isso em nada prejudica a busca do conhecimento. Apenas qualifica-o dentro de uma realidade concreta feita de embate desigual de forças e de distribuição de benefícios. Em outras palavras, isso traz tona

a pergunta: de que velhice, de que idosos fala a mídia, quando privilegia a representação dominante na sociedade, pretendendo generalizá-la?

Quanto às categorizações apresentadas e o recurso metodológico escolhido, considero esta abordagem adequada e útil na compreensão de como formas discursivas interferem e produzem sentidos nas diversas transformações da vida coletiva e individual, tipificando e homogeneizando o que é notadamente heterogêneo.

Nesta tipificação, a mídia colabora ideologicamente como recurso efetivo na formação identitária das pessoas, confere legitimidade e dissemina o padrão hegemônico no imaginário social e cultural, com o intuito de que este padrão se torne referência para o maior número de sujeitos.

A imagem do novo velho ambientada nas páginas do jornal não pode ser entendida como uma reformulação universalmente válida da identidade da velhice. É uma tentativa de categorização que apresenta uma forma ativa, saudável e produtiva de vivenciar o envelhecimento, porém, tratando-a quase como que uma qualidade moral de quem a adota, de maneira que o sujeito é instado a assumir a responsabilidade sobre as condições positivas ou adversas da etapa final de sua vida, independentemente de suas condições sociais e econômicas e de acesso a benefícios e serviços associados a tal “velhice de qualidade”. Delega-se prioritariamente ao indivíduo, numa lógica de mercado, o que deveria ser compartilhado de maneira mais atuante pela sociedade e o Estado.

Na extensão da pesquisa, com a adição de material suplementar, em que os/as velhos/as são ouvidos em pesquisas e depoimentos, confronta-se a representação veiculada com a dura realidade em que eles/as se encontram.

Que tipo de representação da Velhice está expressa na mídia? A resposta a questão traz em seu bojo uma maior compreensão sobre recortes de classe, raça, orientação sexual e gênero, que, imbricados, mostram qual é o velho/a que se quer expor para consumo. A “boa aparência”, ser financeiramente independente, continuar trabalhando, ter bom convívio familiar e social são elementos primordiais e constitutivos desse universo imagético.

A reflexão esboçada nesta monografia remete à constatação de que para esses valores, o envelhecimento, consubstanciado em degeneração corpórea e outras mazelas advindas das condições sociais e culturais dos indivíduos, deve ser

combatido e eliminado através de sua negação e substituído pelo padrão da jovialidade, em uma cultura narcísica que cultua o modelo da eterna juventude.

A aparência física, refletida no espelho, que traz em si as marcas de sua história, não reflete a imagem armazenada na memória como protótipo de representação de si mesmo, e é desta tentativa de burlar o tempo que as representações no universo de consumo - e a mídia como seu canal privilegiado - se alimentam. É como se o envelhecer, fato inexorável da temporalidade da vida, fosse ressignificado, em uma tentativa de restauração, de resgate do que já foi e não como expressão do que efetivamente é.

Este trabalho proporcionou-me a possibilidade de uma reflexão sobre como as representações são manipuladas e direcionadas, em conformidade a uma ideologia que se quer absoluta, confrontada com uma realidade complexa que insiste em contrariá-la. A mídia, como reprodutora de padrões hegemônicos, acaba por desvendar a insustentabilidade de se tentar colocar a Velhice e seus sujeitos em um lugar idealizado e utópico. Como disse no início desta monografia, não existe velho, existem velhos e eles estão à espreita, alguns calados, outros ruidosos, mas na espera de serem vistos e ouvidos, o que é um imperativo, se queremos uma sociedade melhor e mais justa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN**, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, São Paulo, 2011.
- BEZERRA**, Ada Kesea Guedes. **A construção e reconstrução da imagem do idoso pela mídia televisiva**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/>>. Acesso em 01/11/2014.
- BOURDIEU**, Pierre, O mercado do bens simbólicos, pp 99-181, Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe pp 183-202 In **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2005.
- BRITTO DA MOTTA**, Alda. Chegando pra idade. In: LINS DE BARROS, Myriam (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- _____. **A juvenilização das idades**. Trabalho apresentado no **13º Encontro da REDOR**, Recife, nov. 2006.
- _____. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, 13, pp. 191-221, 1999.
- _____. **Geração, a “Diferença” do Feminismo**. Disponível em <<http://www.desafio.ufba.br/gt7-001.html>>. Acesso em 15/07/2014.
- _____. **Gênero, Idades e Geração**. **Caderno CRH**, Salvador, n 42, pp 349-355, set/dez 2004.
- CAMARANO**, Ana Amélia. Conceito do idoso IN Os Novos Idoso Brasileiros, muito além dos 60 anos?, Rio de Janeiro, IPEA, 2004.
- CONCONE**, Maria Helena Villas Bôas, Medo de envelhecer ou de parecer? **Revista Kairós**, São Paulo, 10(2), pp. 19-44, dez. 2007.
- CORTE**, Beltrina. A velhice e a violência nos jornais de São Paulo. In. **Velhice e violência na mídia**, pp. 29-38, Revista Rumores, USP, 2009.
- _____, Ana Maria Ramos Sanchez VARELLA, Bernadete OLIVEIRA e Viviam Cristina Herrero LEMOS – **A Cobertura da Imprensa sobre o Envelhecimento: O caso do jornal “O Estado de S. Paulo” e “Valor Econômico”**. Trabalho apresentado ao NP 13 - Comunicação e Cultura das Minorias, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.
- DEBERT**, Guita Grin, O velho na propaganda, **Cadernos Pagu** (21) 2003: pp.133-155.
- _____, A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas, in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 12, no. 34, 1997.

FÉLIX, Livia Botelho, Maria de Fátima de Souza **SANTOS**, A velhice na mídia escrita: um estudo em representações sociais. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, capa, nr 3, 2011.

FREITAS, Leila Karla Morais Rodrigues, A (Re)Invenção da velhice : o discurso da mídia sobre o “novo idoso”, **Revista Litteris – Antropologia**, nr 6, Novembro de 2010.

GOLDANI, Ana Maria, **Desafios do “Preconceito etário” no Brasil**, Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 111, p. 411-434, abr.-jun. 2010.

GOLDEMBERG, Mirian, A Bela Velhice, **CPFL Cultura on Vimeo**, gravado em 27 de setembro de 2013. Disponível em <http://www.cpfcultura.com.br/wp/2014/08/06/a-bela-velhice-com-mirian-goldenberg-versao-tv-cultura/>. Acesso em 01/10/2014.

IEA, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, O idoso na imprensa in Ciclo de Debates “**Idosos no Brasil: Estado da Arte e Desafios**”, 18/10/2011. Disponível em <http://www.iea.usp.br/pesquisa/projetos-especias-antteriores/idosos-no-brasil-estado-da-arte-e-desafios>. Acesso em 01/11/2014.

JAGGAR, Alison. **Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia**,. pp 158-185 Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In CHAMPAGNE, Patrick; **LENOIR**, Remi; MERLLIÈ, Dominique; PINTO, Louis. **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis, Vozes, 1996.

MANNHEIM, Karl, O problema das gerações [tradução: Maria da Graça Barbedo]. In **Sociologia do conhecimento** – II volume. Porto: RES-Editora, p. 115-176.

MERCADANTE, Elisabeth F. Velhice: a identidade estigmatizada. In: **Velhice e Envelhecimento**. Revista Serviço Social e Sociedade, N. 75 Especial. São Paulo, Cortez, 2003.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras in **Sociedade e Cultura**, vol. 11, nr. 2, julho-dezembro, 2008, pp 263-274.

PORTAL DO ENVELHECIMENTO, **Envelhecimento agita mercado de consumo e serviços**, 01/10/2014. Disponível em <http://www.portaldoenvelhecimento.com/filmografia/item/2833-envelhecimento-agita-mercado-de-consumo-e-servi%C3%A7os>. Acesso em 10/10/2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In **Mulher e realidade: mulher e educação**. Porto Alegre, Vozes, V. 16, nº 2, jul/dez de 1990.

Anexo 1 - Quadro Publicações

Data	16/09	16/09	17/09	17/09
Título	Hora do café	Conectadas e vulneráveis	Desordem de Kissinger	Peça “Incêndios” narra tragédia familiar
Caderno/Editoria	Mercado	Tecnologia	Mundo	Ilustrada
Localização	B2 – inferior esquerdo	Capa	A1 – superior	E4 - superior
Tipo	Charge	Notícia	Opinativa/ Colunista Matias Spektor	Notícia
Procedência		Reportagem São Paulo		Reportagem São Paulo
Tema	Política	Tecnologia	Política Internacional	Cultura Entretenimento
Sub temas	Eleições	Segurança das novas tecnologias	Conservadorismo diplomático	Família
Personagens			Kissinger – ex-secretário de Estado dos EUA.	Marieta Severo - atriz
Local ocorrência				São Paulo
Imagens	Casal de velhos assistindo TV, homem sentado e mulher servindo café.	Caricatura de um velho/senhas complexas.		Foto com Marieta em primeiro plano
Síntese	Crítica ao vale tudo do programa eleitoral.	Pesquisa/dificuldades no uso doméstico de novas tecnologias.	Contraposição entre formas de gerir diplomacias internacionais	Peça sobre procura dos filhos pela história da mãe, Marieta vive a mãe dos 15 anos até a morte.
Destaque			“Aos 91 anos, ex-secretário de Estado dos EUA é um velho obstinado, e novo livro tem tom de resmungo”.	Abordagem femininas de questões intergeracionais..

Data	18/09	18/09	19/09	19/09
Título	Impasse com PT faz Dilma suspender plano de governo	Selfie é agressão permanente, diz Salgado	Avô é suspeito de matar seis netos e a filha antes de se matar na Flórida	Leonard Cohen leva clima de cabaré a CD
Caderno/Editoria	Eleições	Ilustrada	Mundo	Ilustrada
Localização	Capa	E4 – inferior esquerdo	A16 – inferior direito	E5 - superior
Tipo	Notícia	Notícia	Notícia	Reportagem especial
Procedência	Reportagem Brasília	Reportagem Nova York	Agência de notícias	André Barcinski
Tema	Previdência	Cultura/entretenimento	Violência	Cultura/entretenimento
Sub temas	Proposta de candidatos para fator previdenciário	Exposição fotográfica	Família	Velhice
Personagens	Candidata Dilma	Sebastião Salgado	Don Charles, americano de 51 anos	Leonard Cohen, cantor e compositor americano
Local ocorrência		Brasília	Flórida/EUA	
Imagens	Foto Dilma			Foto apresentação Cohen
Síntese	Divergências entre o PT e Dilma sobre alteração no fator previdenciário	Crítica à crescente de abordagem fotográfica abusiva.		Artista de 80 anos: produção musical, dificuldades físicas e posicionamento sobre a morte.
Destaque	“Cabo de guerra – Planalto e PT tem posições diferentes sobre propostas para um novo governo”	“Aos 70 anos, um dos ícones da fotografia brasileira não conseguiu lidar com a profusão de selfies que tomou conta do evento.”	Título: ênfase na palavra avô.	“Nos últimos discos, ele tem cantado do ponto de vista de quem sabe ter pouco tempo. O resultado são divagações engraçadas sobre a finitude e a vontade de amar até o fim.”

Data	19/09	20/09	20/09	20/09
Título	Bibi Ferreira canta sucessos de Frank Sinatra em show	Tucano promete fim do fator previdenciário	Ônibus terão vaga para transporte de bicicleta em SP	Senhora liberdade
Caderno/Editoria	Ilustrada	Eleições	Cotidiano	Cotidiano
Localização	E10 – superior esquerdo	A7 – superior direito	3 - superior	6 - superior
Tipo	Notícia	Notícia	Notícia	Notícia
Procedência	Reportagem São Paulo	Reportagem São Paulo	Reportagem São Paulo	Reportagem São Paulo
Tema	Cultura/Entretenimento	Política	Transporte urbano	Sistema prisional
Sub temas		Aposentadoria Eleições		Ressocialização de presos
Personagens	Atriz Bibi Ferreira	Candidato Aécio Neves		Assistente social Maria Tavares
Local ocorrência	São Paulo		São Paulo	Porto Alegre
Imagens	Foto Bibi Ferreira	Foto Aécio Neves	Foto interior ônibus	Fotos de Maria com detentos
Síntese	Novo show da cantora com repertório de Frank Sinatra	Compromisso com sindicalistas sobre fator previdenciário	Vagas para bikes em coletivos de São Paulo	Assistente social de 102 anos que abriga detentos em regime semiaberto
Destaque	"Aos 92 anos e 73 de carreira, finalmente cheguei na minha praia", conta Bibi Ferreira		"Suporte fica na área de idosos e cadeirantes; não faltará assento preferencial, diz prefeitura."	"Há 80 anos, mulher abriga detentos em regime semiaberto em sua casa em Porto Alegre. Aos 102, são eles que cuidam dela."

Data	21/09	21/09	22/09	22/09
Título	Tinhorão de volta à roda	Prestes a lançar álbuns, veterana revê sucessos.	Saiba como reduzir a sua taxa de juros	Morre, aos 102, mulher que acolhia detentos.
Caderno/Editoria	Ilustríssima	Guia São Paulo	Folhainvest	Cotidiano
Localização	Página 4	76 - shows	B7 – superior direito	C4 - centralizado
Tipo	Reportagem	Nota	Notícia	Nota (Obituário)
Procedência			Reportagem São Paulo	Reportagem Porto Alegre
Tema	Cultura/entretenimento	Cultura/entretenimento	Finanças	Morte
Sub temas			Inadimplência	
Personagens	Crítico musical José Ramos Tinhorão	Cantora Elba Ramalho		Assistente social Maria Tavares
Local ocorrência		São Paulo		Porto Alegre
Imagens	Foto sala e foto Tinhorão	Foto Elba Ramalho	Gráfico sobre crédito	Foto de Maria com detentos
Síntese	Trajectoria pessoal e profissional do crítico	Nota sobre show de comemoração de três décadas e meia de carreira	Composição de taxas de juros em relação à inadimplência	Falecimento de assistente social que abrigava detentos
Destaque	“Sentado numa cadeira do boteco, as mãos espalmadas sobre os joelhos, José Ramos Tinhorão observa a roda de samba em homenagem aos seus 86 anos.”	Uso do termo veterana na chamada	Mais velhos levam vantagem sobre os mais jovens. "Estudos indicam um compromisso menor dos mais jovens com o pagamento de dívidas"	Dona Maria completaria 103 anos em novembro.

Data	22/09	22/09	22/09	23/09
Título	Como a vovó	Lições da memória	2º ano de “3 Teresas” volta a focar o conflito de gerações	X
Caderno/Editoria	Folha corrida	Ilustrada	Ilustrada	
Localização	Inferior direito	E5 - superior	E8 – superior esquerdo	
Tipo	Nota	Notícia	Notícia	
Procedência		Reportagem São Paulo	Reportagem São Paulo	
Tema	Figura de linguagem	Ditadura militar	Cultura/entretenimento	
Sub temas		Impacto ambiente cultural	Gerações e Gênero	
Personagens	Piloto Felipe Massa	Acadêmicos e especialistas	Atrizes Claudia Mello, Denise Fraga e Manoela Aliperti	
Local ocorrência		USP – São Paulo		
Imagens		Foto Roberto Schwarz	Foto das 3 atrizes	
Síntese	Uso da palavra avó com significado de lentidão	Palestras de intelectuais e acadêmicos sobre a ditadura militar no Brasil	Série de TV que mostra 3 gerações de mulheres de uma família.	
Destaque	Massa diz que guiou “como uma vovó” para economizar pneus	“Em evento na USP, intelectuais da velha guarda cobram dos mais jovens vigor crítico contra efeitos perenes da ditadura na produção do país.”	“O objetivo é explorar o cruzamento entre as três faixas etárias” “A avó tenta driblar a solidão e o estigma da idade”	

Data	24/09	24/09	25/09	26/09
Título	No Brasil, 42% não consomem cultura.	A faca e a colher	X	Irresponsável
Caderno/Editoria	Ilustrada	Comida		Eleições
Localização	E6 - superior	F8 - superior		A6 - superior
Tipo	Notícia	Opinativa		Opinativa
Procedência	Reportagem São Paulo	Coluna Nina Horta		Ombudsman por um dia
Tema	Cultura	Culinária		Jornalismo
Sub temas	Consumo de lazer e bens culturais			Geração
Personagens	Gisele Jordão/ ESPM SP			
Local ocorrência	Âmbito nacional			
Imagens	Gráficos	Ilustração		Desenho/ Foto colunista
Síntese	Pesquisa "Panorama setorial da cultura brasileira" realizada em 2013 sobre hábitos culturais de brasileiros, em 74 municípios.	Colunista fala sobre sensações no uso de objetos na cozinha.		Cartunista João Montanaro, 18 anos, opina sobre linha editorial da jornal Folha de São Paulo
Destaque	"Aposentados, pessoas com mais de 55 anos, casados e pessoas com filhos com mais de 18 anos compõe grupo."	"Tenho inveja da faca, mata, corta, sangra; já a colher é toda doce, sem perigos, ligada à criança e ao velho."		"Não me iludo, ela já é uma senhora de 94 anos, não vai virar de uma hora para outra um jornal para a patota jovem e legal"

Data	26/09	26/09	27/09	28/09
Título	Sobe prazo para pagar consignado de aposentado	Você está ficando velha quando...	Prazo maior é aposta conservadora no crédito	“Artistas de hoje se fecham no hotel”
Caderno/Editoria	Mercado	Cotidiano	Mercado	Revista São Paulo
Localização	E3 – superior esquerda	C2 - superior	B3 - superior	Página inteira
Tipo	Notícia	Opinativa	Notícia	Entrevista
Procedência	Reportagem Brasília	Coluna Tati Bernardi	Reportagem São Paulo	
Tema	Previdência	Velhice	Previdência	Perfil
Sub temas	Empréstimos consignados		Empréstimo consignado	Velhice
Personagens				Raphael Jafet, hoteleiro, 85 anos.
Local ocorrência	Brasília			
Imagens				Foto Raphael
Síntese	Aumento de prazo de financiamento de empréstimos consignados de aposentados e pensionistas	Contraposição de paradigmas entre juventude e velhice	Aumento de prazo de financiamento de empréstimo consignado para aposentados e pensionistas	Entrevista com hoteleiro de 85 anos.
Destaque		“Alguém te chama pra jantar e você diz que adoraria, que até precisa, porque está entrando em hipoglicemia aguda, mas, infelizmente, está em pré-coma no sofá.”	“O beneficiário do INSS é, muitas vezes, o único da família com o nome limpo. Ele costuma emprestar em seu nome para filhos e netos.”	“No quase meio século de ofício, fundou também o San Michel.”

Data	28/09	28/09	29/09	30/09
Título	Combate ao sedentarismo	Programação de shows	X	Jovem da periferia é consumidor com maior peso no país
Caderno/Editoria	Informe publicitário	Guia São Paulo		Mercado
Localização	Página inteira	101 – superior esquerdo.		B4 - inferior
Tipo	Publicidade	Nota		Noticia
Procedência				Reportagem São Paulo
Tema	Saúde	Entretenimento		Consumo
Sub temas	Dia Mundial do coração	Velhice		Geração
Personagens		Wanderléia, cantora.		
Local ocorrência				
Imagens	Fotos			Ilustração
Síntese	Incentivo a atividades regulares.	Show em comemoração ao dia internacional do idoso.		Estudo do Mosaic Brasil/Serasa Experian, traça perfil de 11 segmentos de consumidores.
Destaque	“Fatores de risco não modificáveis: hereditariedade, idade e gênero.”			““Novos velhos” Com peso de 9,06% na população do país, o grupo "envelhecendo no século 21" também merece destaque no levantamento. São aposentados de classe média, acima de 60 anos, que usufruem hoje de melhores condições de vida e, por essa razão, demandam serviços e produtos.”

Data	30/09	30/09	30/09	01/10
Título	Idosos tem perda de visão após cirurgia contra catarata	Idoso mata a mulher em asilo e tenta se suicidar	Como vovó fazia	Uso de tranquilizante pode elevar risco de Alzheimer
Caderno/Editoria	Cotidiano	Cotidiano	Ilustrada	Saúde
Localização	C3 – sup esquerdo	C9 – inf esquerdo	Capa	Capa
Tipo	Notícia	Notícia	Opinativa	Notícia
Procedência	Rep São Paulo	Rep - Agora	Colunista B Gancia	Rep São Paulo
Tema	Saúde	Violência	Literatura	Saúde
Sub temas	Velhice	Família/velhice	Sexualidade	Velhice/Alzheimer
Personagens		Aposentado Nelson Golla de 74 anos		
Local ocorrência		São Paulo		
Imagens			Foto da série “O século do sexo”	Gráficos
Síntese	Cegueira em pacientes submetidos a cirurgia de catarata.	Prisão de idoso que matou a mulher com explosivos.	Colunista fala sobre lançamento de clássicos da literatura erótica.	Estudo sobre uso de ansiolíticos na incidência de Alzheimer
Destaque		“Segundo um vizinho, que não quis se identificar, Nelson chorava muito após a ida de Neusa para o asilo. Eles eram casados havia mais de 50 anos.”	“ Hedra chega com três títulos que prometem chamar a atenção de uma geração pré-comatosa em matéria de sexo, cujo contato se dá intermediado por drogas estimulantes, energéticos ou uma tela de computador.”	“Recomendação é para que mais velhos evitem os remédios ou os usem por curto período de tempo e em baixa dose.”

Data	01/10	02/10	03/10	04/10
Título	Peça reflete sobre oportunidades perdidas	Alckmin deixou de cumprir 44% das promessas de 2010	Renato Aragão faz sua estreia no palco em musical no Rio.	Renasci como uma planta que ganha vida após 37 anos
Caderno/Editoria	Ilustrada	Eleições	Ilustrada	Mundo
Localização	E10 – inferior direito	7 – página inteira.	E7 - superior	A18 - superior
Tipo	Notícia	Notícia	Notícia	Entrevista
Procedência	Rep São Paulo	Rep São Paulo	Rep Rio de Janeiro	Rep Buenos Aires
Tema	Cult/Entretenimento	Política	Cult/Entretenimento	Política
Sub temas	Conflitos existenciais	Promessas eleitorais	Longevidade artística	Família/Repressão/Ditadura
Personagens	Fulvio Stefanini, ator	Candidato Geraldo Alckmin	Humorista Renato Aragão	Estela de Carlotto, presidente da Assoc. das Avós da Praça de Maio.
Local ocorrência	São Paulo	São Paulo	Rio de Janeiro	Buenos Aires
Imagens	Foto dos atores da peça.	Foto de Alckmin, gráficos.	Foto de cena do espetáculo	Foto de Estela
Síntese	Espectáculo teatral "Antes de mais nada" a sobre relações perdidas e mortalidade comemora 60 anos de carreira de Fulvio Stefanini.	Avaliação do cumprimento das promessas de campanha feitas em 2010.	Notícia sobre primeira vez do humorista em uma peça teatral aos 79 anos.	Entrevista sobre convivência com o neto, sequestrado durante ditadura militar argentina, localizado após 37 anos.
Destaque	"discute com melancolia e certa dose de humor as oportunidades perdidas durante a vida."	"Ampliar os centros de referência da terceira idade" – Nota B – realização não completa.	"Com mais de cinco décadas de carreira, Renato se diz intimidado."	"Tenho 84 anos, só não teria problema de saúde se estivesse morta. No encontro de um neto que buscava por 37 anos, renasci como uma planta que ganha vida."

Data	04/10	05/10	05/10	06/10
Título	Sonhado diploma	Só 30% dos idosos com mais de 80 anos envelhecem bem em SP	Caio F entre amigos	STF pode julgar “desaposentação” nesta quarta feira
Caderno/Editoria	Cotidiano	Ciência e Saúde	Ilustrada	Folhainvest
Localização	C6 - superior	C11 - superior	E2 - superior	B4 – inferior esquerdo
Tipo	Noticia	Noticia	Nota (Coluna social)	Noticia
Procedência	Rep São Paulo	Rep São Paulo	Coluna M Bergamo	Brasília
Tema	Educação Superior	Saúde	Cult/Entretenimento	Previdência
Sub temas	Velhice	Velhice		Recálculo da aposentadoria
Personagens	Chames Salles Rolim, 97 anos.		Escritor Caio Fernando Abreu	
Local ocorrência	Ipatinga – Minas Gerais	São Paulo		Brasília
Imagens	Foto de Chames	Foto de Rosa Wainberg, 82 anos.	Fotos de 4 amigas de Caio	
Síntese	trajetória de vida de mineira que aos 92 anos prestou vestibular para Direito, formando-se aos 97.	Pesquisa da USP que acompanhou 363 pessoas em processo de envelhecimento, durante 14 anos.	Documentário sobre Caio Fernando Abreu	Julgamento no STF sobre benefício a aposentados que continuam trabalhando.
Destaque	“Aos 97, vejo que tenho muitas arestas. Ainda estou sendo lapidada. Mas sou feliz.”	“O estudo aponta que, embora as mulheres vivam mais anos, os homens estão envelhecendo melhor: 42% deles tiveram o conceito "ótimo", contra 23,7% das mulheres.”	Montagem do painel de fotos atuais ao lado de fotos da juventude das 4 amigas.	Segundo o INSS, em 2002, havia 703 mil aposentados que seguiam trabalhando e contribuindo para a previdência.

Data	06/10	07/10	07/10	08/10
Título	#eu na eleição	Gerações	Trio recebe Nobel pela descoberta de "GPS mental"	Após 65 anos juntos, casal morre com 40 minutos de diferença no RS
Caderno/Editoria	Eleições	Cotidiano	Ciência e Saúde	Cotidiano
Localização	16 – página inteira.	C2 - superior	Capa	C3 - superior
Tipo	Entrevistas	Opinativa	Notícia	Notícia
Procedência		Coluna Rosely Sayão	Rep São Paulo	Rep São Paulo
Tema	Eleições	Geração	Saúde	Família
Sub temas	Declarações de voto	Velhice	Mal de Alzheimer	Velhice/Morte
Personagens			John O'Keefe, May Britt-Moser e Edvard Moser, ganhadores do Nobel de Medicina	Italvino Possa e Diva Alves de Oliveira
Local ocorrência	Estado de São Paulo			Porto Alegre
Imagens	Fotos entrevistados		Fotos dos cientistas	Fotos do casal
Síntese	Eleitores de diversos perfis sobre suas escolhas eleitorais.	Toma como ponto de partida a semana da criança e sua supervalorização como consumidora, em contraponto ao que ocorre com os idosos.	Descoberta científica de posicionamento e de tipo de neurônio sua importância para a compreensão das causas do mal de Alzheimer	Casal de idosos que morreu no mesmo dia, com diferença de minutos, ele estava com 89 anos e ela com 80.
Destaque	Depoimento de Maria José de Souza, 92, aposentada e Erenice Teixeira, 92, aposentada.	"No dia 1º de outubro, foi comemorado o Dia do Idoso. Nem mesmo o mercado de consumo valoriza os velhos. E quem têm mais de 60? O lugar deles é nos bailinhos para esse grupo chamado de terceira idade"		"Italvino, que chamava a mulher de "mãe" (ela se referia a ele pelo nome de batismo), costumava preparar chimarrão todas as manhãs e levar para Diva ainda na cama."

Data	09/10	10/10	10/10	11/10
Título	X	Poeta Ferreira Gullar é eleito imortal	No Supremo, relator dá voto favorável à reaposentadoria	Aventuras de septuagenário são desperdício de discursos
Caderno/Editoria		Poder	Mercado	Ilustrada
Localização		A6 - superior	B4 - Central	E5 - superior
Tipo		Notícia	Notícia	Opinativa
Procedência		Reportagem Rio de Janeiro	Reportagem Brasília	Especial de Rodrigo Gurgel
Tema		Cultura	Previdência	Cultura
Sub temas		Academia Brasileira de Letras	Reaposentadoria	Literatura
Personagens		Poeta Ferreira Gullar	Ministro do STF Luís Roberto Barroso	Escritor Eduardo Alves da Costa
Local ocorrência		Rio de Janeiro	Brasília	
Imagens		Foto de Ferreira Gullar		
Síntese		Posse na Academia Brasileira de Letras do poeta e dramaturgo Ferreira Gullar	Parecer favorável do relator do STF sobre processo de reaposentadoria	Crítica sobre o livro "Tango, com violino".
Destaque		"Aos 84 anos, escritor, crítico e colunista da Folha diz que maior abertura da instituição o fez mudar de ideia."	"Segundo o ministro, não é justo que os aposentados que aguardaram mais tempo para ingressar no INSS recebam o mesmo valor que aqueles que se aposentaram mais cedo e depois pediram a revisão do benefício."	"o personagem vive em permanente fuga --de si mesmo, da solidão e da morte. Nessa luta, ele se utiliza principalmente da ironia e do sarcasmo."

Data	11/10	11/10	12/10	13/10
Título	Livro revê geração que combateu ditadura	Novos rumos	X	Conta que não fecha
Caderno/Editoria	Ilustrada	Eleições		Eleições
Localização	E7 - superior	2 - superior		Página inteira
Tipo	Notícia	Notícia		Notícia
Procedência	Rep São Paulo			Editoria Mercado
Tema	Cultura	Política		Previdência
Sub temas	Política	Encerramento de carreira		
Personagens	Escritor Ayrton Centeno	Ex-senadores Eduardo Suplicy, Pedro Simon e José Sarney.		
Local ocorrência				
Imagens		Fotos dos personagens		Gráfico
Síntese	Livro “Os vencedores” com entrevistas e pesquisas sobre pessoas que lutaram contra a ditadura militar.	Em tom de humor, através de pequenas notas, fala de senadores históricos que não se reelegeram.		Reportagem especial sobre as contas atuais e projeções da Previdência Social, concessão de benefícios e idade mínima para aposentadoria.
Destaque	“A geração que foi esmagada pela ditadura militar deu a volta por cima e chegou ao poder. Dilma, Lula, Fernando Henrique Cardoso, Aloysio Nunes Ferreira são alguns dos sobreviventes.”			“Especialistas defendem elevar a idade de concessão da aposentadoria. Isso é corroborado por projeções de envelhecimento da população.”

Data	13/10	14/10	14/10	14/10
Título	Aos 84 anos, deputado mais antigo não consegue se reeleger.	A Folha é a favor das manifestações, eu também.	Inflação da 3ª idade perde força no terceiro trimestre	Alto da Lapa fica mais de 3 dias sem água
Caderno/Editoria	Eleições	Mundo	Mercado	Cotidiano
Localização	7 - inferior	A14 – pág inteira	B10 – inf esquerdo	C3 - superior
Tipo	Noticia	Publicidade	Noticia	Noticia
Procedência	Rep Fortaleza		Valor Econômico	Rep São Paulo
Tema	Política	Publicidade	Finanças	Meio ambiente
Sub temas			Velhice	Recursos hídricos
Personagens	Deputado federal Mauro Benevides			
Local ocorrência				São Paulo
Imagens	Foto Mauro Benevides	Foto de uma mulher com aparência idosa		Foto da aposentada Leonilda Iepo, 77 anos
Síntese	Trajetória do deputado desde 1955.	Publicidade usando imagem de mulher idosa se posicionando a favor das manifestações, que são associadas à juventude.	Noticia sobre redução do percentual do IPC da terceira idade, que mede a inflação dos produtos consumidos por famílias majoritariamente compostas por indivíduos com mais de 60 anos.	Notícia sobre desabastecimento de água em São Paulo, usa foto de idosa para ilustrar a matéria.
Destaque	“Mesmo com o revés nas urnas, o político não fala em aposentadoria e prepara um livro de memórias sobre seus 59 anos de vida pública, que leva o título provisório de "Se não me falha a memória".”			